

# O AUTÔMATO

EDIÇÃO 05

CRIATURAS  
FANTÁSTICAS





STEAMPUNK

STEAMPUNK



**Copyright © 2024**

**Todos os direitos reservados.**



**Seleção de contos: Glenda Barros e Thays Diniz**

**Edição e Diagramação: Allan F. F. Gouvea**

**Leitura crítica e preparação de originais: Glenda Barros**

**Revisão: Allan F. F. Gouvea e Glenda Barros**

**Capa: SeaArt (editada por Allan F. F. Gouvea)**

**Ilustrações internas: Allan F. F. Gouvea e Cássia Amalice**

**Autores:**

**A. M. Wendt, Anna Toledo, Carol Soares, Ellen Fernandes, Fernando Mazetti, Gabriela A. Oliveira, Georgia Dias, João Neto, Thalita Palaretti, William R. F. Ramires**

# SUMÁRIO

<a href="#"><u>Editorial</u></a> .....	05
<a href="#"><u>A Boa Bruxa - A. M. Wendt</u></a> .....	06
<a href="#"><u>Dama de companhia - Anna Toledo</u></a> .....	14
<a href="#"><u>A Criança Devolvida - Carol Soares</u></a> .....	22
<a href="#"><u>Ninfisses - Ellen Fernandes</u></a> .....	26
<a href="#"><u>A Melodia das Máquinas - Fernando Mazetti</u></a> .....	30
<a href="#"><u>Marine - Gabriela A. Oliveira</u></a> .....	35
<a href="#"><u>Tem alguém escondido no escuro - Georgia Dias</u></a> .....	40
<a href="#"><u>Assunto de Família - João Neto</u></a> .....	48
<a href="#"><u>A Batalha das Sombras - Thalita Palaretti</u></a> .....	59
<a href="#"><u>O último voo do dragão celestial - William R.F. Ramires</u></a> .....	67

# **EDITORIAL**

**Caros leitores e entusiastas da literatura.**

**Estamos contentes em apresentar a vocês, com uma boa dose de magia, a quinta edição da revista O Autômato, intitulada "Criaturas Fantásticas". A ideia inicial era lançar uma edição de fantasia, não importando o subgênero, e, conforme selecionamos os textos, percebemos que eles tinham algo em comum: o uso de seres fantásticos como um dos elementos principais. Desse modo, escolhemos lançar uma edição voltada para histórias sobre criaturas comuns em histórias de fantasia e que sempre instigam nossa imaginação.**

**Nas páginas seguintes, vocês encontrarão contos com diversas criaturas fantásticas, desde dragões majestosos à seres das sobras. Cada história é uma jornada única para nos levar a novos mundos e desvendar os segredos que eles escondem. Os seres fantásticos dessas histórias são não apenas personagens, mas também a representação das mais diversas emoções humanas, como esperança, medo e os desejos mais profundos.**

**A fantasia essencialmente tem a capacidade de nos transportar para além dos limites da realidade. Com a imaginação como limite, histórias fantásticas desafiam as fronteiras do possível e abrem portas para universos incríveis. Criaturas míticas, seres encantados e monstros aterrorizantes costumam dividir o espaço com heróis corajosos e almas atormentadas. Esta edição é um tributo a esses seres, nascidos nas mentes criativas de nossos autores.**

**Esperamos que esta edição desperte em vocês, leitores, a curiosidade e imaginação, de forma que só a fantasia pode proporcionar. Afinal, a magia está presente em tudo ao nosso redor.**

**Equipe O Autômato**

# **A Boa Bruxa**

**Por A. M. Wendt**

**Existem terras que mudam com os cosmos. Algumas, trocam de cores com o passar dos meses. Ficam cobertas de neve no inverno e pegam fogo no verão. Outras, recaem sobre a influência drástica da lua e assistem impassíveis o mar devorar a terra todos os dias, por dezenas de metros de maré.**

**Caester é uma pequena vila sob o domínio do sol e da lua. Onde o dia brilha com vida, numa paisagem tomada pelo verde dos campos e pelo azul do céu; e, quando as estrelas surgem acima, a escuridão inunda, o silêncio impera, e o mal espreita à procura de vítimas. Paz e medo reinam juntos. O povo é feliz, mas carrega amuletos de proteção e vive sob um estrito toque de recolher.**

**Em sua maioria, são monoteístas. Frequentam a igreja e rezam ao deus Único. Porém, uma bruxa vive entre a pequena população. Mora afastada das outras casas, perto das árvores, perto das sombras. As mães de Caester proíbem suas crianças de se aproximarem dela. O caçador é o único que a visita em dias normais, levando suprimentos em troca de remédios para o povo.**

**Durante o dia, ela caminha pela floresta. Colhe frutas, conversa com plantas e animais, anda sorridente, vivendo feliz. À noite, quando todos se recolhem aos seus medos, ela senta na frente de casa e canta.**

**Foi assim até os meus dez anos, quando, em uma única noite, minha vida mudou para sempre.**

**Era um dia de sol. Eu brincava entre as árvores do pomar, fugindo de outras crianças como se fosse uma fora da lei e eles, caçadores de recompensa. Eu ria, muito à frente de meus perseguidores, quando trombei com a bruxa e caí no chão. A velha mulher colhia amoras. Paralisei. Quando**

as outras crianças nos viram, pararam, gritaram e correram. Ainda lembro bem da expressão de tristeza em seu rosto. Fiz o mesmo que meus amigos.

Fiquei completamente cega pelo medo. Tudo em que eu pensava eram nas histórias sobre a bruxa e o que ela fazia com as crianças que pegava. Fazia crescer um sexto dedo, ou uma orelha na testa, ou então um rabo de porco. Assim diziam nossos pais. E ela só precisava encostar em um de nós para rogar sua maldição.

Em meu desespero, eu parava para checar meu corpo, procurando por partes horrendas, me transformando em uma aberração. Lembro de pensar em Julien, o homem sem mãos que vivia no armazém. Segundo meu pai, a velha havia tocado na barriga da mãe do aleijado e, por isso, ele nascera assim. Meu pai me disse muitas mentiras. Hoje, fico feliz em ser uma decepção para ele.

Aflita, corri do pomar para dentro da floresta. Para o meio das sombras. Andei por muito, em qualquer direção. Quando finalmente consegui recobrar o raciocínio, não sabia onde estava. E pior, o crepúsculo havia tomado o céu, com o sol já desaparecido no horizonte.

Eu tinha medo da bruxa porque ela podia me deformar; me transformar em motivo de pena, nojo e piada. Eu tinha medo de perder minha beleza – o maior motivo de orgulho dos meus pais. Tinha medo de perder um membro, ou talvez minha voz. Tinha medo de deixar de ser quem eu sou. Tinha medo de tudo o que eu aprendera sobre a bruxa até então. Ficar longe dela era uma importante lição.

Mas nenhuma lição de Caester era mais importante do que ficar longe da floresta a noite.

Criaturas horríveis, seres malignos, espíritos corrompidos. O mal fazia das sombras das árvores a sua casa. E, nessa parte, meu pai não mentia. Ninguém sabia a origem da maldição da floresta. Uns diziam que o deus Único fizera do lugar uma prisão, para punir os pagãos, mantendo suas sujas almas

na penumbra. Outros contavam sobre como o deus Único havia jogado lá os deuses antigos, adorados pelos pagãos. Outros ainda, acreditavam se tratar de demônios fugidos do céu, anjos caídos. Meus pais me disseram que a floresta era o lar de bruxas muito piores que aquela que conosco vivia. E era neste lugar que estava perdida.

Conheci o medo como nunca jamais conheceria. Pavor na mais pura forma. O desespero de uma criança, perdida na terra dos monstros. Comecei a ofegar. Uma coruja piou e eu gritei e corri. Era tudo o que conseguia fazer: correr.

Logo comecei a ouvir os passos ao meu redor.

Primeiro, eram discretos. Me engavam. Corriam quando eu corria. Paravam quando eu parava. Só aumentavam minha paranoia. Finalmente, ao me apoiar em uma árvore, procurando energia para continuar, os passos não cessaram. E com eles, vieram as risadas. Pareciam estar em todas as direções, e se deleitavam com a minha perdição. Eu estava cercada pelo mal e ele ainda tirava sarro da minha cara.

Não sei bem quanto tempo se passou. Para mim, uma eternidade. Sei que, enquanto eu buscava, desesperada, uma saída do inferno onde me encontrava, a luz deixou os céus e a escuridão recaiu sobre a floresta. Quando estar de olhos abertos ou fechados já não fazia diferença, parei. Chorei. Do fundo dos meus pulmões, gritei. Obviamente, fazer tanto barulho era uma péssima ideia, mas eu não pensava. Tinha apenas dez anos e estava perdida.

Minha próxima visão foram dois pontos vermelhos brilhantes. Olhos. Estavam logo a minha frente, e se aproximavam devagar. Quando eu já quase os podia tocar, dos céus desceu um feixe prateado. A lua brilhava sobre mim. Não entendi nada, mas vi a face horrenda do monstro prestes a me devorar. De corpo ébano e esguio, a criatura, que estava inteira ao meu redor, recuou com a luz.



**Corri de novo. Os longos braços munidos de garras atrozes me seguiram em alta velocidade. Pude ver outros seres medonhos surgindo das sombras e começando a brigar por mim. A floresta se encheu com o som da disputa predadora. Eu não conseguia avançar muito. Os monstros batalhavam ao meu redor e, para qualquer direção que eu tentasse ir, um deles estava lá para me impedir.**

**Sangue voou nos meus olhos quando uma criatura, que mais parecia um invunche, pulou sobre a garganta de um ogro enorme. Doeu. Fechei e esfreguei meus olhos, ainda aos prantos. Então notei os sons de batalha se dissipando.**

**Quando olhei novamente, uma luz angelical brilhava forte um pouco mais a frente, entre as árvores. Fiquei hipnotizada. Sequer notei se os monstros ainda lutavam pela minha carcaça. Uma voz veio da luz.**

**– Milly – me chamou.**

**Era a voz de minha mãe. Meu coração se encheu de alegria e esperança. Eu conseguia sentir o cheiro de seu pastelzinho assando no forno; ouvia o estalar do fogo na lareira; via a silhueta de mamãe, de braços abertos, esperando por mim. Lar. Ela me chamava.**

**Cambaleei para frente, seguindo o calor amoroso que a luz emitia.**

**– Milly – as criaturas da floresta conseguem ser cruéis de maneiras extraordinárias.**

**Foi horrível ao ver a mãe que me esperava. Comecei a notar algo de errado quando, já muito perto, vi seu cabelo cobrindo o rosto. Mamãe matinha o cabelo curto. Ainda assim, segui, até quase o abraço de minha falsa promessa de salvação.**

**O erro foi do monstro, que levantou o rosto rápido demais. Podre. Era o rosto de minha mãe, mas em avançado estado de decomposição. Ela esticou o braço para mim. Eu gritei. Me virei tentando fugir, mais uma vez,**

porém, dei de cara com o mesmo monstro de olhos vermelhos que primeiro tentara me devorar.

Entre demônios, me abaixei e esperei meu fim. É engraçado onde a mente de uma criança vai numa hora dessas. Fechei meus olhos, por medo de espirrar sangue neles de novo quando os monstros me partissem ao meio.

E nada aconteceu.

Após um longo minuto, olhei de novo. Só um olho, espiando por entre os dedos de minhas mãos. Tudo estava muito mais claro. Logo a minha frente, pude ver o esguio monstro de olhos vermelhos. Sua expressão era uma mistura de dor e medo. Estava confusa quando olhei para trás e vi a bruxa, com seus longos cabelos brancos cobrindo a túnica vermelha, e um cajado radiante em sua mão.

– Afastem-se! – sua voz, mesmo sendo um sussurro, se estendia como um grito. Ecoou pela floresta e pude ver diversos seres malignos desaparecendo na escuridão. Ela olhou para mim. – Vamos. Não temos muito tempo!

Não sei porque a obedeci. Pareceu a coisa certa a fazer, então fiz. Levantei e corri atrás dela. Os monstros grunhiram e gritaram. Raiva encheu o ar enquanto as vozes protestavam o “roubo” da refeição: eu.

Um ser, em particular, estava irado. Era o monstro de olhos vermelhos, nos seguindo pela floresta, mesmo com outros fugindo da luz da bruxa. Ele procurava uma abertura para penetrar o campo luminoso que me protegia. Seus esforços compensaram quando conseguiu agarrar meu braço. As garras penetraram fundo, dilacerando do ombro ao cotovelo. Gritei em dor. Virei para trás e vi um sorriso que ainda hoje assombra meus pesadelos. A criatura salivava em sua ânsia predatória.

– Solte a menina e retorne para a escuridão, Sombra! – bradou a bruxa; sua voz soava como um trovão, não condizendo com a figura frágil da velha que sempre víamos de relance caminhando pela floresta.

O monstro apertou meu braço com força, tentando me levar para o mais longe possível, para algum lugar onde pudesse aproveitar sua refeição em paz. Senti o osso quebrar. Chorei.

– Que assim seja, monstro – a velha apontou o cajado para a criatura. Havia um pequeno cristal azul, pendurado como um adereço qualquer, em meio a tantos outros adornando o bastão mágico. Este, porém, brilhou. E dele saiu um relâmpago devastador que atingiu a criatura no peito. O som ensurdecedor e o clarão intenso fizeram os seres da escuridão desaparecerem floresta adentro. Aqueles demônios. Os mesmos que nos mantinham longe da floresta e faziam a vila inteira temer; as razões dos nossos amuletos de proteção e toques de recolher... todos correram diante do magnífico feitiço da bruxa.

Nesse dia eu aprendi o significado de poder. O monstro de olhos vermelhos não incendiou, como talvez se esperasse de um raio. Não. Apenas evaporou. Desintegrou. Foi reduzido ao pó. O medo em seus olhos - mesmos olhos que haviam me provocado pavor poucos momentos antes - foi minha última visão da criatura.

A partir daqui, não lembro de mais nada daquela noite. A princípio, pensei ter desmaiado ali mesmo, ainda ensurdecida pelo ataque da bruxa. Mas, ela me contou depois que corri até sair da floresta, e só caí sobre a grama verde dos campos de Caester.

Acordei, já era dia. Estava numa cama de palha e o sol entrava por uma pequena janela no teto inclinado. Eu não reconhecia o lugar. Era rústico, mas aconchegante, muito bem decorado. Era visível o carinho de quem construía aquele quarto. Gelei quando a vi subir a escada carregando uma xícara de chocolate quente - uma iguaria dos reinos ao norte.

**A bruxa foi gentil comigo. Mais do que a maioria do povo da vila. Nem mesmo meus pais me trataram com tamanho... respeito. Perguntei, sentindo a dor no meu braço enfaixado, se havia sido real. Ela não respondeu. Não foi necessário.**

**Conversamos um pouco, mas logo, a velha mulher me mandou embora.**

**– Seus pais não vão ficar felizes que cê tá aqui. – A voz dela não era nada comparada ao trovão que bradou contra os monstros da floresta, mas ainda não era desgastada pelos anos aparentes. Era melódica; doce e gentil. O tipo de voz boa para cantar músicas calmas.**

**Fui. Não queria, mas fui. Na época não entendi o porquê.**

**Três dias depois, a bruxa foi enforcada no centro de Caester. Uma revolta provocada pelo meu “sequestro”. Tentei impedir, entretanto, foi em vão. E acho que ela já sabia disso quando decidiu me salvar. Por isso, hoje escrevo sentada no mesmo quarto em que acordei naquele dia.**

**No dia de sua morte, corri para a casinha de madeira afastada da vila. Os aldeões a haviam tentado queimar, mas o fogo não pegara. Isso apenas gerou mais frustrações e bateu o martelo na condenação da bruxa. Me escondi lá durante a execução. Não consegui assistir. Honestamente, não conseguia fazer nada além de chorar.**

**Foram muitas horas depois, já no final do crepúsculo, que reparei numa carta com o meu nome sobre a mesa. Precisei acender uma vela para ler. Nela, a bruxa me declarava como herdeira de sua casa, bem como todos os seus pertences. Também pedia desculpas pelo fardo que eu teria de carregar. Por fim, me pedia para colocar um anel azulado, deixado ao lado da carta.**

**E eu obedeci.**

**Quando a joia se alojou em meu dedo, um tsunami de informações entrou em minha cabeça. Caí no chão e gritei. Doía saber tanto. Entender a floresta,**

o povo, o canto, o meu dever. Entender que, agora, o Dom estava comigo. Eu sabia o que tinha de fazer.

Apenas uma vez, em todos esses anos, não segui minhas responsabilidades. A primeira noite. O dia da sua execução.

Eu queria vingança. Fiquei na minha nova casa, lendo meus novos livros, aprendendo meu novo ofício. Ao longe, ouvi os gritos. Os monstros invadiram Caester e devastaram a cidade. Metade não sobreviveu, e os que tiveram essa sorte, ainda têm as cicatrizes para lembrar. Algumas físicas, outras não.

No dia seguinte minha mãe veio me ordenar que voltasse, me contando sobre como os demônios vingaram a bruxa. Me recusei. O início de mais uma crise.

Mas isso é uma história para outro dia.

Agora, o sol já se põe. E eu permaneço aqui.

---

*Ariel M. Wendt, nascido no Rio de Janeiro, é um escritor, poeta e espírito mágico da floresta. Histórias fazem parte de sua vida, criando e buscando viver vendo o mundo como uma aventura gigante. Sua imaginação o levou a publicar diversos contos em antologias e revistas, mais notavelmente os contos "A Jornalista e a Casa Velha da Tecelã", "Conto de Fadas: Protetor das Crianças" e "Bate Nesse Bicho com o Braço do Palhaço". Atualmente organiza antologias e publica suas histórias em diversas redes sociais sob o nome the LiteraVerse.*

Instagram: [literaverseo](#)

Tumblr: [literaverseo](#)

Pinteres: [LiteraVerseo](#)

Twitter: [literaverseo](#)

Reddit: [LiteraVerseo](#)

# Dama de Companhia

Por Anna Toledo

Maria era uma boa moça, freira criada desde pequena no monastério de Nossa Senhora Aparecida. Aprendeu, antes de falar, a contar o rosário, mas para surpresa de todas que sequer confiavam na pequena sobreviver à gota, foi com as palavras que mais ganhou destaque: lia tão bem que nem precisava cantar para louvar aos céus. Com voz doce e polida, devorou livros de toda a abadia e acabou por ser adotada por um jesuíta bem-visto em quase todo o reinado brasileiro.

Foi a pedido da própria família real que o padre indicou a menina para fazer companhia a uma nobre tão querida quanto solitária, a condessa do Novo Rio. Viúva e sem filhos, vivia rodeada de criados – alforriados e pagos – numa isolada redoma de plantações de café. Já não marcava presença em bailes e festivais, assim então, por um cuidado quase paliativo de seus conhecidos, concordou por carta em receber uma jovem para ler e acompanhá-la em preces.

– Por favor, me chame de Claudia.

As primeiras palavras vindas de sua anfitriã não soavam como uma moribunda ansiando preencher o dito espaço maternal. Pelo contrário, eram firmes, concisas, cobertas por um modesto tecido de renda sobre o rosto levemente rugoso. Recebeu a hóspede apenas pelo tempo adequado aos modos parisienses e voltou para sua leitura na biblioteca. Maria se instalou no quarto com o auxílio da governanta e seguiu para o habitat dos livros no qual estava tão familiarizada.

Planejou no caminho centenas de perguntas para encontrar um fio comunicativo com a senhora, mas bastou olhar para sua postura em uma confortável poltrona para saber que a melhor companhia que poderia lhe

oferecer era um amigável silêncio. Pegou para si seu livro de viagem vindo do monastério e prostrou em sua própria leitura.

Uma sintonia bem-vinda. Sem que Maria distinguísse qualquer coisa sob a renda, ganhou um sorriso de reconhecimento vindo da outra.

Tomaram café e bolo no calor do fim de tarde, observaram o horizonte rosado pelo vitral e a senhora se recolheu mais cedo, deixando-a solitária em sua primeira refeição na mesa de jantar.

Maria lia à luz de velas, madrugada adentro, numa prática obscena aos bons costumes, mas grossas cortinas e a porta maciça esconderiam seus hábitos peculiares. Pouco sono sentia, deleitando-se e tendo o escuro como companhia.

Ouviu passos. Sussurros. Primeiro acreditou ser sua imaginação pregando peças, então culpou a própria mobília estalando no friozinho. Sua curiosidade, porém, tão alimentada pelas leituras, a incitou a explorar o lugar. Os pés descalços agilmente se encaixavam no solo de madeira sem chamar atenção. A luz de sua vela chamaria atenção, então confiou na companhia da lua através de frestas e vidraçarias.

Ao norte, o som incômodo se pronunciava como um zumbido molhado, então espasmos como as moças do convento revelavam nas chibatadas... Não havia, porém, qualquer impacto aparentemente doloroso, apenas o sussurro.

Sobre a mesa de jantar livre, viu uma confusão de tecidos se misturando em orgia. Anáguas soltas, espartilhos abandonados. E o frio em seus pés lentamente deu lugar a um calor subindo até quase a cintura. Segurou a respiração, como se o ínfimo som pudesse quebrar a pintura móvel.

Numa dança demoníaca, viu sua senhora acompanhada da governanta desvirtuadamente conectadas.

**Antes que fosse percebida, Maria voltou para seu quarto implorando a Deus para findar sua dádiva de não sentir sono. Precisava dormir ou não tiraria tal cena de sua memória.**

**[...]**

**A dama de companhia logo se encaixou na rotina como uma peça de um meticuloso quebra-cabeça. Sua senhora não requeria grandes conversas, apenas perguntava sobre suas recentes leituras e vez ou outra sugeria livros de seu acervo pessoal. Notou olhares indiscretos velados entre esta e a governanta, que descobriu também se chamar Maria, Maria Madalena, mas insistia em ignorar a situação para não arriscar perder a confortável vida que encontrou no recinto da Condessa do Novo Rio.**

**Os poucos momentos que lhe fugiam à rotina viam de esporádicas visitas do advogado responsável por representar os interesses da Condessa. Ela mesma, nunca saía de dia, raríssimas vezes a noite. Estas, convenientemente acompanhadas da governanta. Entretanto, nem mesmo a Condessa poderia negar presença no velório de seu irmão, o barão de Entre Rios. Devido sua frágil saúde, a condessa informou por carta que compartilharia seu luto em solenidade durante a madrugada apenas. O texto, escrito por Maria, foi ditado palavra a palavra por Maria Madalena durante a manhã de sábado.**

**– “E seja garantido minha profunda clemência à viúva, agora também minha irmã.” Carimbe o selo da condessa ao final, ela assinará depois.**

**A governanta, alforriada tardiamente e por isso analfabeta, acompanhou Maria em todos os preparativos, pedindo que a dama seguisse discrição quanto às refeições de sua senhora. Podia notar como estava inquieta por não acompanhar a condessa na viagem, mas foi a própria quem ordenou que sua carruagem fosse dividida somente com sua dama de companhia.**



– Cuide dela, menina. O tempo todo, estamos entendidas? Voltem em segurança!

Seu tom protetor beirava a perturbação e, ainda que estivesse ciente do caso amoroso, nada justificava o alardeamento como se estivesse em constante risco como o imperador do Brasil. Assim seguiram viagem. Sua instrução religiosa não a preparou para a política da situação, mas a condessa se mostrou simpática em explicar qualquer eventualidade diplomática. Houve tristeza na medida certa, como ditava-se a moda parisiense. Seguiram o cortejo final até o cemitério e a terra abraçou seu querido irmão quase junto do amanhecer. Maria lhe acompanhou com sombrinha, ainda que o tempo nublado privasse a todos dos primeiros raios de Sol.

A volta pragmática duraria dois quartos de um dia e a condessa dormiria todo o trajeto. Se recusava a usar locomotivas, tinha pavor de máquinas, então seguiu lentamente puxada por cavalos até que a chuva, inesperadamente vinda em pleno agosto, atrasou o percurso. Veio da própria condessa a sugestão de parada no casarão de sua sobrinha, baronesa de Entre Rios, que permaneceu com a mãe durante o luto.

*– Para emergências, apenas se a condessa lhe procurar, ofereça-lhe este remédio. Ela lhe pedirá como um vinho especial.*

Sobrenaturalmente precavida, a governanta arquitetou soluções para imprevistos, deixando Maria aliviada. A garota só não esperava ouvir da condessa em pessoa a solicitação que a mesma dividisse consigo o quarto sob a justificativa de “acompanhar seu luto”.

Era uma dama de companhia, ora pois! Era o que deveria fazer: acompanhar... Mas seu corpo travava, junto a mente vagante em teorias, antes de bater à porta e adentrar o quarto de hóspedes da Condessa do Novo Rio.

Sentia um frio percorrendo o corpo. Imaginava ter de assumir o papel da governanta por completo para a condessa e não saberia como reagir à situação. Lembrava das anáguas e, numa inocência quase infantil, se forçou

**a refletir se suas roupas estavam adequadamente na ordem entre as camadas de tecido.**

**– Entre, posso ouvi-la respirar.**

**As portas aqui certamente não eram maciças como as da fazenda.**

**A condessa estava vestida para dormir, seu corpo maduro iluminado por poucas luzes davam-lhe um requinte sobrenatural, acompanhada de um olhar perverso tal qual uma bruxa dos contos de fadas.**

**– Sei que também aprecia boas leituras e ouvi milagres sobre sua voz.**

**Poderia ler?**

**– Sim, senhora.**

**– Claudia.**

**– Sim, Claudia.**

**Pegou o livro na cabeceira que acompanhara a condessa durante toda a viagem. A capa não possuía título e sua curiosidade quase a convenceu a perguntar sobre, mas guardou seus modos como uma boa dama. Agora seria revelado.**

**Prosseguiu na leitura sentada à beira da cama.**

**O capítulo tratava de um diário de uma senhora infértil com o útero amaldiçoado por um tumor. Suas noites relatadas transcendem entre a agonia e a desesperança, nem mesmo os renomados médicos da Europa puderam lhe dar alguma paz além de placebos, até que encontrou num vilarejo da Transilvânia uma curandeira pagã prometendo-lhe uma nova vida.**

**– ... Acreditei em suas palavras, me ofereci em corpo, sangue e alma, na esperança de ganhar um descanso merecido até o findar dos dias.**

**Um tom de nostalgia cobria a face da nobre acompanhada de um belo sorriso.**

**– O padre falou a verdade, sua voz beira o profano e o celestial!**

– Blasfêm... Digo, obrigada, Claudia.

– Sei que é tão esperta quando bem letrada. O que achou da escolha na história?

A pergunta soava como um teste e Maria sentia em seus ossos o desejo de passar, apesar de não saber como. Tomou os olhos da outra como um reflexo de como estava se saindo.

– Há perigo em fugir dos desígnios do Senhor. As artimanhas pagãs poderiam ampliar seu sofrimento, mas... – viu seu “mas” se traduzir em um sorriso de satisfação— Ela sentia medo. Medo da dor e do presente. Poderia estar se condenando ao sofrimento eterno após a morte, mas encontrou uma breve paz para seu tormento. Não cabe a mim julgar o futuro dela no além, então me resta pensar nas consequências em vida desta escolha.

– E o que pensa desta escolha em vida?

– Que valeu a pena... Na história.

*Na história.*

A frase ecoou em sua mente e se sentiu levemente tonta. Demorou alguns segundos para entender a condessa usando os termos “vinho especial”, como apontados por Maria Madalena. Se levantou prontamente para buscar a garrafa na adega. Na dúvida, carregou uma taça no lugar de um par delas, preferindo pecar por estupidez do que por interpretar demais as entrelinhas.

A condessa permanecia coberta por linho quase transparente e as velas convenientemente estavam apagadas. A lua transpassando as cortinas das janelas revelavam uma silhueta convidativa, com a cama parcialmente descoberta numa oferta para se aconchegar.

– Sente-se – ... – Sirva-me.

Os comandos foram designados num tom sereno, mas levemente coberto por malícia.

O líquido escuro com cheiro metálico preencheu a taça, conquistando um meio sorriso da condessa. Esta, segurando o pulso da dama de companhia com delicadeza, moveu a taça para a mesa de cabeceira e diminuiu a distância entre seus rostos o suficiente para sussurrar.

– Mudei de ideia... Quero beber algo mais... Fresco.

Maria sabia do que se tratava, pelo menos no que já se aventurou em suas leituras menos ortodoxas sobre donzelas sendo desvirginadas. Os dedos controlando agilmente sua postura a levaram a se prostrar contra a cabeceira da cama e o formigamento em seu colo se espalhou por todo seu corpo coberto de tecido.

Primeiro notou a frieza de sua pele, não havia se atentado a esse fato até então. Em seguida, sentiu seu cabelo sendo ajeitado atrás da orelha delicadamente, revelando a pele pouco bronzeada de seu pescoço. O rosário foi prontamente retirado e colocado ao lado da taça, dando-lhe calafrios. Se desejava correr e voltar para o monastério, aquela era sua última chance. Sua escolha de vida. Encarou mais uma vez o olhar fascinado da condessa e fechou os olhos aceitando o que bem viesse. O medo, o horror... Nada do desconhecido poderia lhe fazer recuar.

O beijo da meia-noite foi sentenciado em sua jugular.

As presas saltaram entre os lábios e anestesiaram a região perfurada. Primeiro sugaram com vontade causando dor, então ganharam ritmo suave de alguém experiente que sabe tratar sua presa.

Maria se segurou na madeira da cabeceira como se precisasse atenuar o impulso de fuga, mas bastou ouvir o som molhado da outra noite para gradativamente se acostumar. Não doía quanto as chibatadas e dormir sobre o milho. Podia jurar que sentia até um leve prazer ao pulsar o sangue por duas vidas, mas ainda não conhecia as facetas de qualquer sensação carnal para reconhecer.

Sangue abastecido, os furos foram selados com um beijo inocente, fechando a ferida.

Sem profanação da alma, apenas da pele. Sem beijos nos lábios ou penetração... Sentia-se quase purificada se comparando com toda a poluição que sua mente cogitou inspirada nos livros proibidos pela igreja.

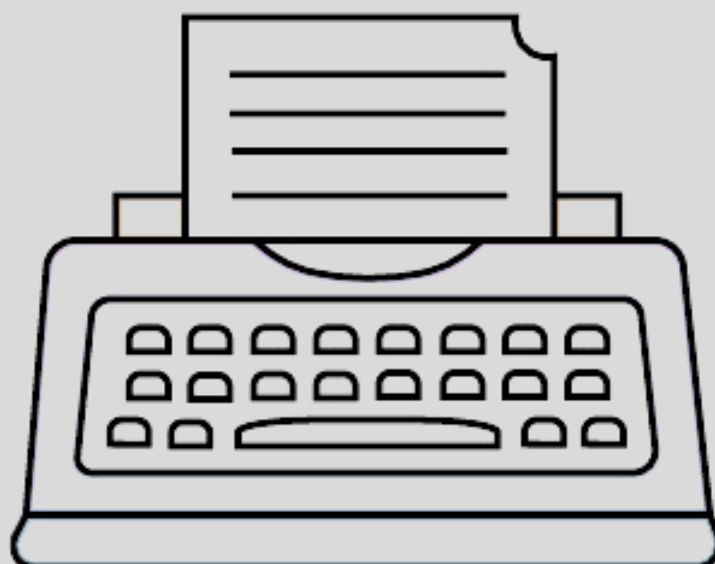
– Imagino que Madalena tenha lhe alertado sobre os efeitos colaterais da mordida...

Não houve alerta ou qualquer informação da governanta, é claro, mas as peças do quebra-cabeça se completaram formando uma cena pitoresca: enfim entendeu o preço pago por Claudia em troca de sua nova vida.

---

*Tendo a matemática como profissão desde 2020, escrever tornou-se uma válvula de escape. Aos 25 anos, Anna Toledo dá vida à imaginação criando contos, poemas e romances enquanto explora a infinitude de possibilidades que o universo das antologias oferece. A paixão por números e astronomia se combina com a literatura numa curiosa fusão resultando em histórias fantásticas pontilhadas de ficção científica.*

Instagram: [nana.blueside](https://www.instagram.com/nana.blueside)



# **A Criança Devolvida**

**Por Carol Soares**

**Por um longo tempo a Changeling observou a moça adormecida na cama antes de dizer:**

**“Ela é mais bonita do que eu.”**

**E isso era verdade, em termos de traços faciais e formato de corpo as duas eram as mesmas, mas o tom moreno de sua pele parecia mais luminoso do que o da Changeling, seus cílios mais longos, os cachos de seus cabelos mais lustrosos. Uma garota que cresceu em um conto de fadas.**

**“E daí?” a fada sentada no chão disse.**

**“E daí que as pessoas vão notar, uma pessoa não fica mais bonita da noite para o dia sem motivo.”**

**A Fada realmente odiava missões de recuperação. Alina, a Changeling dessa noite, não estava chorando e dizendo que era tudo um grande erro, mesmo assim, ela ainda estava ali, horas depois da revelação, após ter prova após de prova da realidade da situação. Ela só chorou um pouco ao se despedir da mãe e do irmão mais novo, colocados para dormir pela fada quase uma hora antes com as memórias da despedida enterradas profundo dentro de suas mentes, para serem acessadas apenas em sonhos e esquecidas no instante do despertar. No entanto, ela se encontrava quieta em palavras e inquieta em movimentos, e ela ainda estava lá no quarto onde tinha crescido, olhando para a garota na cama. Não era bom apressar eles demais, geralmente aquelas que tentavam fugir não tiveram tempo o suficiente para se despedirem direito e andarem por conta própria em suas novas vidas, e fugas eram bem piores do que as missões de recuperação.**

**“Qualquer diferença que eles notem será apenas sutil, nossa rainha fez você exatamente em semelhança a criança roubada. E ela já tem as suas**

memórias, e as do nosso mundo vão parecer apenas um sonho, então nenhum problema ocorrerá. Ela vai acordar, ela vai para a escola, ela vai viver a sua vida a partir de agora como se ela tivesse vivido o tempo todo.”

“Se era para deixá-la no mesmo lugar, qual foi o ponto de levar ela para começar? Havia algo errado com ela?”

“Nada errado, aparentemente ela era uma garota adorável. Houve lágrimas quando foi anunciado que estava na hora dela ser devolvida, e as lágrimas não foram apenas dela.”

“Então, por que?”

“Ela não é o ponto, você é. Nós sempre mandamos nossos bebês para crescer entre os humanos, apenas assim eles se sentem gratos pelas vantagens que nós temos. Eu passei por isso assim como qualquer um daqueles com quem você vai conviver daqui em diante.”

“Eu não me sinto tão grata, para te dizer a verdade.”

“Você se sentirá quando as asas brotarem nas suas costas e sentir a magia fluindo pelos seus dedos. Você sentirá quando voar.”

Isso fez a expressão no rosto de Alina mudar, era algo pelo qual ela ansiava, a fada podia ver isso, como se fosse uma parte intrínseca de sua própria natureza, característico de uma história de fantasia que agora era uma possibilidade alcançável. O mundo das fadas não era seu lar e provavelmente não seria por muito tempo, e ainda assim era uma chance de, finalmente, ser a pessoa que ela desejava e que ela havia nascido para ser.

“Posso ter as memórias dela, para ao menos eu saber no que eu tô me metendo?”

“Nossas mentes não podem ser mudadas tão facilmente quanto as deles, é uma das nossas maiores vantagens.”

“Eu vou poder voltar?”

**“Eventualmente você vai ver esse mundo de novo, você pode até vir vê-la e a família dela, mas não querida. Você nunca vai voltar.”**

**“Você viu a sua?”**

**“A minha o quê?”**

**“Você disse que acontece com todos, que nós todos somos mandados para crescer entre humanos. Deve ter havido uma garota colocada no seu lugar, outra criança roubada e devolvida. É dela que eu quero saber.”**

**“Sim, eu a vi algumas vezes. Ela viveu, ela morreu. Ela foi feliz, tanto quanto qualquer um consegue ser ao menos nesse mundo.”**

**Havia mais, é claro, tem sempre mais, mas a Changeling não precisava saber disso.**

**“Posso ficar sozinha, para dizer adeus?”**

**“Você já o fez, a mãe e o irmão dela já estão dormindo.”**

**“Eu quero dizer adeus a ela.” Alina disse apontando para a garota na cama.**

**A fada revirou os seus olhos, mas disse:**

**“Como você deseja.”**

**E a fada foi para o corredor.**

**Alina continuou olhando para a garota na cama, realmente os traços delas eram os mesmos, da curva dos lábios ao formato das sobrancelhas. Sua mãe tinha a acusado de ser uma narcisista algumas vezes, e havia motivo para isso, mas nunca ela se achou tão bonita quanto a garota na cama. Talvez fosse mesmo o resultado dela ter crescido no mundo das fadas, algo na água ou no ar. Ou talvez fosse algo fundamentalmente humano que ela tinha que simplesmente faltava em Alina.**

**Ela se deitou ao seu lado, apenas olhando por ela em silêncio antes de dizer:**



“Oi Alina... eu nunca conheci ninguém que tivesse o mesmo nome que eu. Eu estive em turmas com muitas Alines, Alices e Alissas, mas nunca outra Alina. Embora eu acho que seja o seu nome realmente e não o meu... eu sinto muito por todas as besteiras que eu fiz com as quais você vai ter que lidar. Cuide da mamãe e da Lara e do Hugo. Eu não sei quem você deixou para trás, mas vou tentar encontrá-los e fazer o meu melhor por eles. Eu não acho que qualquer uma de nós teria escolhido isso, mas nós vamos ter que aprender a fazer o melhor com essa situação. Espero que você durma bem e sonhe com o você mais queira nesse mundo.” aA Changeling disse e beijou a garota na cama, dando a ela seu nome de volta e realizando sua primeira magia em apenas um toque.

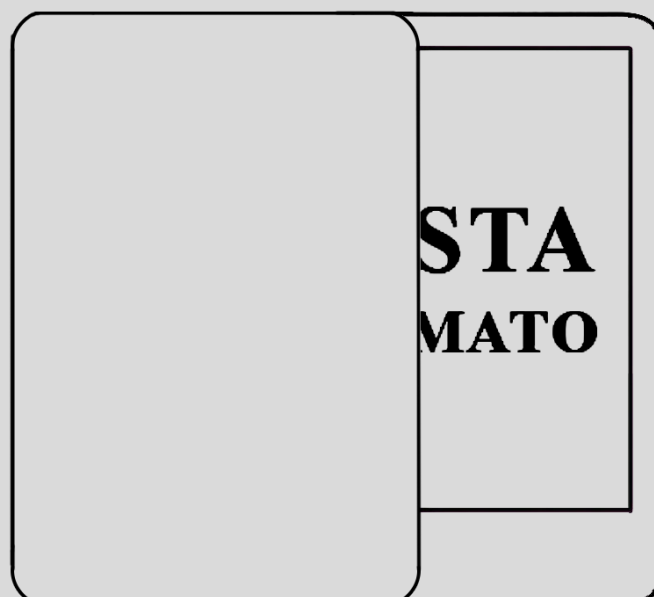
E pelo resto da noite a garota na cama sonhou sobre como seria ter asas.

E ela sonharia com isso de tempos em tempos por toda a sua vida.

---

*Carol Soares é autora do livro de contos O Monstruoso Feminino e teve contos publicados na antologia Conto Brasil. Tem trinta anos e mora em Teresópolis no topo de uma montanha cercada por livros e gatos.*

Linktree: [carol93soares](https://www.linktree.com/author/carol93soares)



# Ninfisses

Por Ellen Fernandes

Encarando seu reflexo, Lolanthe pôs as lentes que ocultavam seus olhos, agora tingidos de castanho. Lolanthe havia nascido com uma cor rara; os tons de roxo eram notoriamente difíceis de se encontrar. Desde o nascimento, ela era conhecida como a “pequena flor violeta”, e este era o significado de seu nome.

Misturou a base com um matiz violeta vibrante, o harmonizando com o tom remanescente de sua pele ainda colorida. Delicadamente pincelou sua permanência naquele lugar encantado, interrompida apenas pelos gritos que cortaram sua manhã, indicando mais uma vítima da “loucura” das ninfas – mais um exilado. Aquela mesma “loucura” que a acometia, aquela insanidade que concedia aos autodenominados corretos o poder de prender, mutilar e expulsar daquelas terras os que perdiam a cor.

Eles sempre diziam que era a doença da loucura, mas ela compreendia intimamente que não era simplesmente uma doença. Era uma mutação, talvez desencadeada pelo temor de adquirir aquela insanidade que lhe tirava tudo. Talvez fosse uma enfermidade da alma, que fazia perder as cores quem tinha perdido o gosto pela vida, pela rotina, pela garantia de dias sempre felizes e sempre iguais.

Já se passaram dois longos anos escondendo o violeta que sumira de sua pele e olhos. Era um desespero atroz, um medo arrasado, no entanto, o maior temor era ser amordaçada e lançada rio abaixo para fora da fronteira.

Como sobreviver sem suas delicadas asas arrancadas à força e a correnteza, estando ferida e amarrada? A verdadeira loucura residia nos ditos sãoos, que cometiam atrocidades por causa de uma simples despigmentação, algo que deveria ter outra explicação além da insanidade.

Lolanthe, era uma ninfa flora, aquela que fazia as cores da primavera a polinizar as flores destinadas a frutos um dia. Mas restavam tão poucas delas. A pequena vila esvaziada vivia imersa em um silêncio amedrontado, interrompido apenas pelos gritos de horror de mais um preso, condenado ao exílio. Lolanthe saiu a caminhar, não encontrando motivos bater suas asas por uma distância tão curta. Na assembleia, mais uma família chorava a perda de sua primogênita. Imploravam clemência que ela sabia que não chegaria.

Olhou para aqueles velhos, que deveriam ser o pilar de sustentação da comunidade, destruindo-a por algo tão infundado. Respirou discretamente e seguiu todos em silêncio quando a conferência terminou.

O trabalho era o mesmo desde que seu ofício fora revelado e ela o fazia com perfeição, mesmo agora havendo ali bem menos mãos que antes. Flutuou displicente de um lugar ao outro, recolhendo materiais, organizando sementes e fazendo o melhor que podia. Sua chefe, orgulhosa, comentava baixinho como Lolanthe era tão aquele lugar. E como devia ser usada como exemplo a ser seguido para evitar a grande loucura.

E foi ali mesmo que Lolanthe se odiou, foi ali que desejou morrer e deixar desvanecer toda a cor. Aquela vida regrada e patética não deveria ser o sonho de ninguém. Ela desejava poder gritar aos ventos que era completamente louca. Louca pela necessidade de algo além daquilo que vivia, afinal, tinha asas.

Por que permanecia no chão se possuía asas?

O primeiro pensamento foi montar um grupo rebelde, mas ela não tinha coragem. O segundo foi: “e se eu mesma descer o rio com as asas que eu possuo e procurar para mim um lugar seguro?”

E uma pequena Lolanthe juntou suas coisas, para pôr seus planos em prática e salvar os pobres prisioneiros, atirados todos ao primeiro dia de cada mês em algum lugar esquecido. Aquela seria sua maior alegria em tantos anos de vida, ela tinha certeza.

Então, quando a noite se fez silenciosa, Lolanthe se atirou em direção à planície depois da grande montanha da cachoeira. O lugar era bonito, aparentemente intocado pela humanidade. Voou noite adentro até alcançar uma distância considerável da sua prisão dourada.

Buscou por árvores, as mais altas delas, as copas das outras menores ocultando os grandes galhos frondosos. Naquele lugar, ela poderia viver e, quem sabe, erguer uma cidade. Uma cidadezinha dos pequenos exilados.

Usou seus dons, buscou pelo espírito daquela antiga árvore que a respondeu em regozijo. Fez crescer ali galhos médios e imperfeitos. A magia costumava ser perfeita, e talvez um dia fossem procurar saber se algum dos exilados tinha sobrevivido. Ela precisava pensar em tudo, porém, passava rápido, e ela voltou para casa.

Os dias seguiram assim, nessa nova loucura, nessa vontade crescente. E um belo dia, quando acordou, o violeta de seus olhos havia voltado. Aquele violeta brilhante, aquela cor bonita e radiante que havia testemunhado se esvair.

Agora, o violeta em seus olhos parecia ainda mais vivo, irradiando como raios ardentes. Ela podia ver, enquanto se enchia de coragem, a cor cobrindo novamente sua pele, até mais uma vez se tornar uma flor violeta – era finalmente a ninfa Lolanthe, aquela menina que fazia a relva crescer quando seus pés tocavam desnudos no chão.

Era isso o que a vila Ninféia tinha perdido: a capacidade das pequenas ninfisses, das pequenas loucuras que pessoas coloridas com asas deviam vivenciar. Afinal, do que adiantava ter asas se você não pudesse usá-las? Do que adiantava ter orelhas pontudas e pele violeta vibrante se não se pudesse pintar as flores com bolinhas e a grama de azul? E por que eles não moravam lá no alto, seguro nas copas, em vez de viverem no chão?

Ela estava tomada pela loucura boa das perguntas. Lolanthe estava louca por viver do melhor modo possível uma vida que não havia solicitado.

---

*Ellen Fernandes é uma cearense pra lá de arretada, que acabou se aventurando em terras paulistas. Empreendedora no mundo das plantas ornamentadas, é MEI no comércio varejista desse remo. Desde seus tenros dez anos de idade - e acredite, isso foi há muito tempo, mais do que ela gostaria de admitir - Ellen descobriu sua paixão pela escrita. Tem uma queda especial pela magia da escrita em poucas linhas.*

Instagram: [ellennfer8](#)

Inkspired: [Ellen Fernandes](#)



# **A Melodia das Máquinas**

**Por Fernando Mazetti**

**Sombrê. A metrópole escura, onde o vapor dança entre os prédios de ferro e engrenagens que nunca param. A vida pulsa como um coração mecânico. As ruas de paralelepípedos são iluminadas por luzes a gás, enquanto os moradores transitam entre vapores, com suas roupas manchadas pela umidade e corrosão constante.**

**Enquanto as máquinas rugem e assobiam, aristocratas e operários caminham pelo ar impregnado com o inconfundível cheiro de vapor e óleo queimado. Artífices habilidosos trabalham em suas criações nas lojas e oficinas, moldando metais e dando forma a engenhocas.**

**Nas ruas estreitas, vendedores ambulantes exibem artefatos interessantes e bugigangas estranhas, ao passo que elegantes dirigíveis deslizam silenciosamente pelos céus, cortando o ar com um zumbido suave.**

**Quando a noite chega e as luzes da cidade se ligam, sombras dançantes são projetadas nas paredes de tijolos, o ambiente adquire uma atmosfera misteriosa e intrigante. Encontros clandestinos e negócios sombrios ocorrem nos becos estreitos e cantos escuros.**

**Em meio a essa situação, um inventor visionário, El Lobo, trabalha incansavelmente em sua oficina, imerso em vapores e faíscas. Seus olhos brilham com a promessa de sua nova invenção. Em sua mente, ele imagina uma simbiose perfeita. Matéria orgânica e tecnologia. Sua inovação irá resolver um grande problema de Sombrê: o lixo e os resíduos tóxicos.**

**Após anos de pesquisa, ele enfim encontrou um manuscrito de uma civilização antiga e devastada pelo tempo. O pergaminho o instruía como criar um animal mecatrônico autorreplicante, no entanto, algumas partes do documento estavam destruídas, o que impossibilitava a total decodificação.**

Dias e noites empregadas na construção de tal equipamento e falhas atrás de mais falhas. Quando quase estava desistindo, ele repousa sobre a maravilha da engenharia: uma fusão de metal e vida artificial. Com olhos faiscantes e pelagem de cobre reluzente, a criatura se ergue sobre suas patas mecânicas, emitindo sons metálicos enquanto sua cauda se move em um ritmo cadenciado, conforme a fumaça é expelida do pequeno motor interno. El Lobo sorri com orgulho, enquanto observa sua invenção se mover com uma graça surreal. É uma obra de arte.

Logo, o primeiro teste é realizado com um saco de lixo cheio de resíduos orgânicos e engrenagens de latão. O pequeno rato guincha e seus olhos brilham em prazer enquanto caminha em direção a sua missão; o cientista, exausto das noites em claro, cede ao cansaço e dorme, antes que o animal termine o processo de limpeza.

Horas depois, o cientista acorda num sobressalto e algo inesperado lhe causa um enorme calafrio: dezenas de olhos vibrantes e faiscantes. O laboratório está vazio, tudo foi consumido, há apenas o jovem cientista e os ratos ansiosos por mais matéria orgânica. O nome El Lobo acabou sendo esquecido na história de Sombrê.

Do outro lado da cidade, no famoso bar Vapeur, o maior bardo se apresenta: Hans, o magnífico. Um show de luzes, cheiros e sabores. Em uma esquina sombria, entre os imponentes edifícios de tijolos e metal, ergue-se tal pub singular. Seu exterior é adornado com engrenagens gigantes e tubos de cobre entrelaçados, enquanto a fachada exibe um letreiro brilhante, oscilando entre tons de bronze e verde, lançando uma luz convidativa sobre os transeuntes.

Ao entrar, os clientes são recebidos por uma explosão de calor e luz; o interior é uma tapeçaria de cores e texturas metalizadas. Luminárias de vidro fosco pendem do teto, lançando uma luz amarelada sobre as mesas de madeira polida e cadeiras estofadas com couro gasto. Nas paredes, são

exibidos artefatos mecânicos, relógios antigos e pinturas de dirigíveis cruzando os céus.

Com uma cartola adornada com engrenagens e um violino elétrico acoplado a seu braço direito, Hans sobe ao palco e imediatamente cativa a audiência com sua música hipnotizante. Seus dedos ágeis dançam sobre as cordas do violino, produzindo melodias que espalham sensações sinestésicas no público. Cheiros, notas e sabores tomam forma no ar ao seu redor, um fenômeno extravagante e belo.

Um grito de dor irrompe o ambiente e um homem com um casaco longo cai na porta do Vapeur, sua cartola ensanguentada rola pelo chão. Todos param e ficam em silêncio, observando-o. Hans guarda seu violino no braço, desce do palco e se aproxima do caído. Suas vestes estão mexendo, como se algo estivesse andando pelo seu corpo. O violinista se abaixa vagorosamente enquanto todos se esticam para averiguar o que está ali, por baixo do grande casaco.

Num instante, o músico está abaixado e, no seguinte, ele tem uma ratazana enorme presa ao seu braço direito, em seu precioso violino. Todos gritam e começam a correr ao perceberem que o pub está sendo invadido por uma horda de roedores cheios de faíscas e fumaça.

Gritos e correria atravessam o salão. Mesas são derrubadas, copos se espatifam no chão e pessoas começam a se deslocar freneticamente em todas as direções, como fogo em palha seca, todos buscando uma rota de fuga da invasão.

Alguns tentam enfrentar os intrusos, empunhando cadeiras e utensílios improvisados como armas contra as criaturas famintas. O sangue começa a se espalhar e escorrer pelo chão. Outros se lançam para as portas, empurrando uns aos outros em uma corrida desesperada por segurança.

Enquanto isso, Hans começa a caminhar calmamente em direção às escadas, afinando seu precioso violino. As bestas começam a caminhar por



**dentro dos corpos caídos e logo mais criaturas saem por dentre as roupas. Os ratos saltam e tentam abocanhar o bardo, mas com movimentos precisos ele dança e nada o atinge, um baile delirante das bestas famintas, seu rosto impassível, contrastando com o caos que se desenrola ao seu redor e com seus movimentos sutis e perfeitos, como uma folha fluindo com o vento. Quando chega à escadaria, seus dedos começam a dançar sobre as cordas do violino, como se a música pudesse acalmar a tempestade de medo e confusão.**

**Os ratos param por uma pequena fração de segundos; a frequência com que o violino produzia atraiu a atenção da horda. Os olhos faiscantes dos pequenos seres se acalmam. O bardo, incansável, começa a se movimentar e a cantarolar:**

**“Venham pequeninos amigos,  
Engrenagens de metal e corações de vapor,  
Venham dançar comigo,  
Nesta noite cheia de sabor”**

**Lançou uma caminhada em direção ao grande rio que cerca a cidade; mais alguns versos ao vento e milhares de novos olhos começam a segui-lo, alguns mais próximos, outros distantes. Os animais mecatrônicos hipnotizados saciam sua fome com as notas do poderoso bardo.**

**Quando chega ao cais, adentra uma canoa e, com uma manobra ousada, se lança ao rio, seus dedos já sangrando e sua voz rouca.**

**“Oh, pequeninos amigos de metal,  
Engrenagens de latão que fazem estremecer,**

**Sob a luz cintilante da lua fatal,**

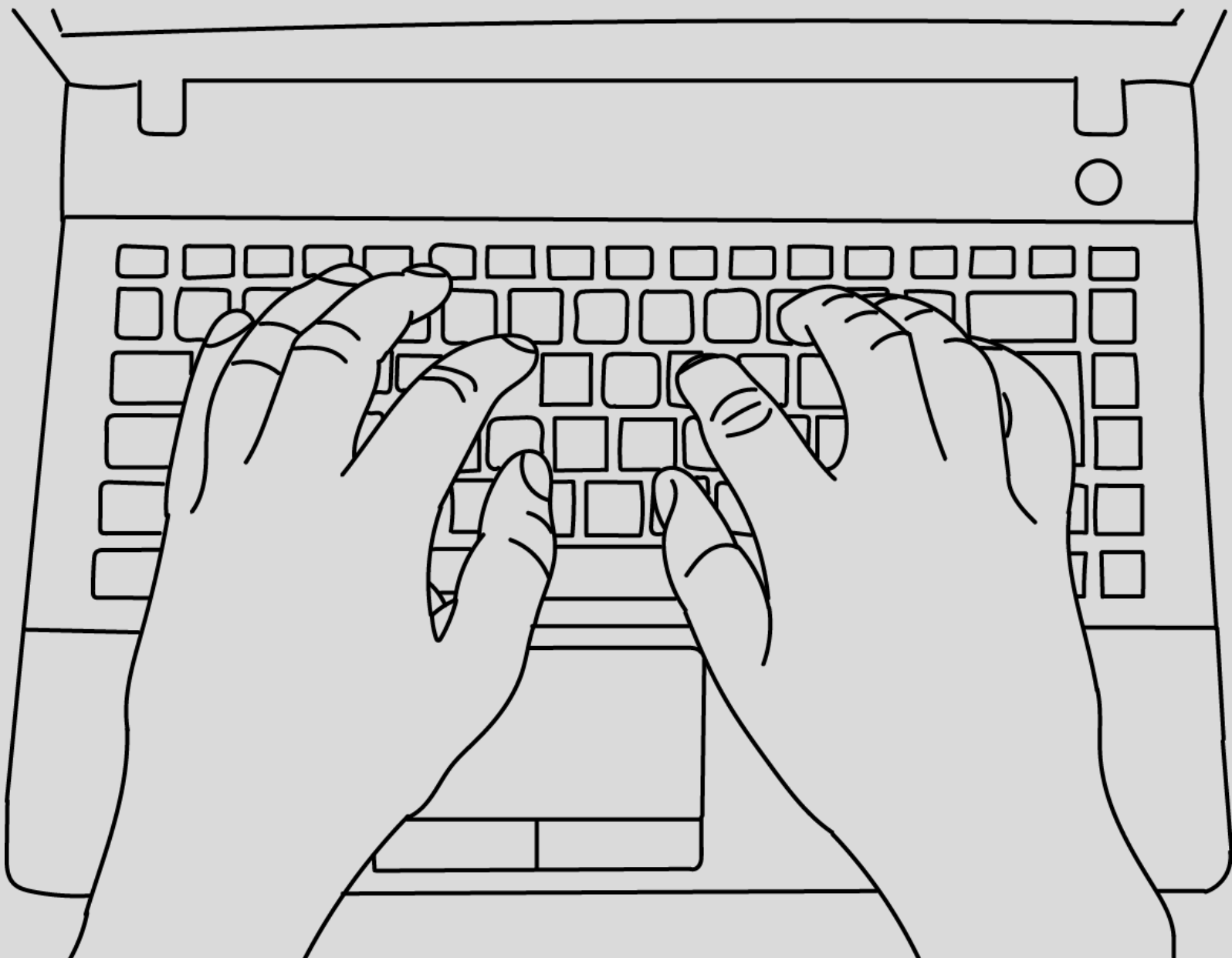
**Adentrem o rio e dancem comigo até adormecer.”**

**O bardo sabe que será lembrado para sempre por esse ato.**

---

*Fernando Mazetti, tem 32 anos, nascido em Lutécia, mas vive hoje em Marília - SP. Desenvolvedor de sistemas e aspirante a escritor. Autista grau I com altas habilidades, apaixonado por ficção científica, horror cósmico e literatura fantástica, encontrou nos universos imaginários um refúgio para suas inquietudes.*

Instagram: [fernando.mazetti](https://www.instagram.com/fernando.mazetti)



# Marine

Por Gabriela A. Oliveira

Ela vagava pelas escuras e profundas águas do mar, podia ver o reflexo da luz da lua prateada sobre a superfície da água fria. Emergindo, observou àquela que iluminava a noite. Erguendo as suas pálidas mãos escamosas, tentou apanhar a Lua, mas não obteve sucesso, devido à distância em que se encontrava. Marine deseja tomá-la para si, pois desejava que a grande esfera iluminasse seu tolo coração, há muito assolado pelas sombras, assim como iluminava o céu noturno. Para a jovem sereia, se a Lua podia iluminar todo o firmamento, também poderia trazer luz para sua longa vida.

Segurando-se nos corais, testemunhou a eterna e lenta dança do mar e da Lua; era gracioso de se observar. Com um suspiro lento e cansado, Marine se preparou para mergulhar e voltar à sua casa, porém, algo a interrompeu. Fitando a superfície calma do mar, sentiu leves vibrações da água sendo agitada. O mar estava perturbado com algo. Mergulhando rapidamente, Marine procurou algo sem saber do que se tratava, o ver...

Uma criança, um pequeno garoto humano. Ele se debatia na água salgada, lutando contra as ondas para voltar à superfície. Os olhos dourados da sereia observaram os cabelos cor de areia do garoto e a pele pálida que parecia nunca ter visto o sol. Marine o achou a criatura mais bela do mundo. Com cuidado, ela se aproximou lentamente, enquanto o pequeno corpo parava de se debater e começava a afundar no escuro e vazio mar, refletindo a apreensão no coração da sereia. Então, a criatura entendeu porque o mar estava agitado, ele levaria uma alma. Marine sempre teve aversão pelos humanos, desde que eles lhe roubaram algo preciso. Mas, naquele momento, ela não se sentiu satisfeita ao ver aquela criança sofrer em agonia, ao contrário, seu coração doeu. Tocando o rosto do menino com suavidade, Marine viu sua vida sendo ceifada.

Com o coração apertado, olhou nos olhos do menino. Era de um azul tão puro que lembrava o céu do amanhecer, mas demonstravam medo; ele era jovem demais para morrer e ela se culparia por toda a sua vida por deixá-lo ali. Desejando salvar aquele garoto, não se importou com as consequências que viriam, pois não tinha mais nada a perder. Em um gesto lento e receoso, a sereia espalmou com uma mão o peito da criança, enquanto o puxava carinhosamente para os seus braços. Lentamente, ela selou os seus lábios cheios na pequena testa pálida, e ambos foram envolvidos por uma luz esverdeada. Marine sentiu a energia saindo dentro de si e indo diretamente para aquela pequena criança. Nadando rapidamente em direção a superfície, chegou a tempo de ver criança tossir toda a água salgada que havia engolido e inspirar com desespero o oxigênio.

A sereia apoiou o garoto sobre os corais e o fitou com preocupação, enquanto ele deixava o oxigênio entrar com abundância em seus pulmões. Marine observou como o garoto batia o queixo e se tremia, encolhido nos corais, porém ela não sabia se era por causa do frio do susto que levaria.

O garoto, por sua vez, contemplava a criatura à sua frente com extrema devoção. Embora fosse jovem, ele sabia o que *ela* era, havia visto dezenas de pinturas e gravuras de seres semelhantes nos livros empoeirados do castelo.

– Você salvou a minha vida – disse com dificuldade, enquanto ofegava. Ele ergueu sua mão trêmula com dificuldade em direção ao rosto da criatura mitológica, tocando na bochecha escamosa e gelada. – Você é uma sereia de verdade?

Sentindo o coração se agitar em seu peito, Marine não esperava por aquele toque, e muito menos que ele soubesse o que ela realmente era, afinal, ele era muito novo.

– Sou – disse ela, com a sua voz suave e cantante. Não era a primeira vez que falava com um humano, apesar de isso ser errado, entretanto, diferente da última vez, ela sentia-se confortável.

Então, os olhos do garoto se arregalaram, revelando a sua surpresa. Marine os fitou com mais admiração, incapaz de ver malícia, maldade ou ganância... havia apenas inocência e devoção em abundância. Ele era diferente dos outros, disso ela tinha certeza; contudo, sabia que quando aquela criança crescesse talvez se tornasse igual aos demais de sua espécie.

– Você me salvou – disse ele, olhando-a com admiração. – Peça-me o que quiser e eu lhe darei.

Marine aproximou-se dos corais, apoiando a sua mão escamosa ali, e observou o garoto com curiosidade. Com um suspiro, ela disse:

– Não conte a ninguém sobre mim!

O garoto a olhou e sorriu, levando a sua mão direita ao coração e fazendo uma leve reverência à sereia. Marine o observou com encanto, tocada pelo gesto de respeito que ele demonstrara.

– Tem a minha palavra que eu não contarei – ele prometeu.

E de fato, ele não contaria.

Com um gesto rápido, Marine ficou de costas com brusquidão, pronta para retornar à sua casa, pois o seu serviço fora concluído. Ela salvara a criança e agora podia voltar para a escuridão.

– Por favor, diga-me como se chama!? – A sereia o escutou dizer em voz alta, fazendo-a parar.

– Marine, e você, pequena criança? – perguntou ela ainda de costas. Para o garoto, a voz da sereia era como pequenos sinos, era uma voz que desejava ouvir para sempre.

– Dominic Macchel – ele admirou os longos cabelos da criatura, que lembravam o mais puro ouro. – Eu a verei novamente, Marine? – perguntou, temendo ouvir um “*não*”.

Virando-se lentamente, a sereia viu a criança olhando-a com expectativa.

– É o que deseja?

Assentindo com a cabeça, ele sorriu com empolgação.

– Sim!

Marine segurou a mão do garoto com suavidade e beijou-lhe a palma com ternura, fazendo a luz esverdeada cobrir aquela pequena mão. Dominic sentia um pequeno calor naquela área, e a sensação era confortável.

Sentindo-se ligada àquela pequena criança, a sereia acariciou os cabelos cor de areia, tornando a admirar os olhos mais puros que já tinha visto. Pela primeira vez em muito tempo, sentia o seu coração aquecido.

– Farei como desejar. Tenho apenas um pedido: não se esqueça de mim, pequeno Dominic – disse ela, beijando mais uma vez a mão do garoto.

– Não me esquecerei! – ele respondeu com determinação.

Ela sorriu. Há muito tempo não sorria, nem ao menos se lembrava qual era a sensação, mas agora ela estava ali, permitindo-se deixar um sorriso desenhar em seus lábios cheios. A criança, por sua vez, observou-a com profundo encanto.

Escutando vozes de pessoas se aproximando e temendo ser vista, Marine mergulhou rapidamente de volta para o fundo do mar. Ela espalmava o seu peito, no lugar onde ficava o seu coração, nadando de volta para a casa, tendo o rosto perfeitamente desenhado do garoto em sua memória. Pela primeira vez sentia o seu tolo e ferido coração, aquecido.

A criança, por outro lado, gritou, clamando por socorro. Os guardas próximos correram em sua direção, tirando-o dos corais. Quando questionado sobre como ele chegara ali, o garoto afirmou ter nadado, mas todos sabiam se tratar uma mentira, pois era de conhecimento comum que o príncipe Dominic não sabia nadar.

[...]

Marine voltou na noite seguinte, desejando ver aquele pequeno garoto outra vez. A sereia sentia-se ligada a ele, como se ele tivesse levado uma parte sua. Marine sabia que isso era devido a ela ter salvo a vida do dele, e o que o mar era estava cobrando-lhe o preço. Afinal, ela havia roubado do mar e todos sabiam que se tirasse algo do mar, ele também lhe tiraria algo em troca.

Eles encontravam-se todas as noites; ele contava-lhe histórias, dizia como era a vida fora do mar e, dia após dia, aquela invisível ligação se fortalecia. A sereia criou um enorme apreço por aquele menino.

No entanto, um dia Dominic não apareceu. Marine voltou à praia no dia seguinte, e no outro e no outro... No entanto, ele nunca mais retornou àquela praia, nunca mais lhe contou histórias.

*“Estarei aqui amanhã”* ainda era capaz de ouvir a última coisa que ele lhe dissera, antes de partir. Naquele momento, as palavras lhe soavam falsas e mentirosas, pois Dominic Macchel a tinha esquecido. Ele era um humano, afinal, e ela sabia que nunca deveria confiar plenamente em um.

Entretanto, embora ele a tivesse esquecido, ela se lembraria dele para sempre, pois, por um momento, um pequeno momento, ela foi capaz de sentir-se aquecida, como se tivesse encontrado o Sol. Contudo, isso foi arrancado dela novamente; estava sozinha.

Sentindo algo molhado escorrer por sua face escamosa, a sereia voltou para o mar, com um profundo vazio dentro do peito. De fato, ela havia roubado o mar, e o mar agora cobrava seu preço, tomando também algo dela... *o seu coração.*

# **Tem Alguém Escondido no Escuro**

**Por Georgia Dias**

O sol brilhava naquele sábado frio. Nem a força do astro celeste fazia a temperatura subir um pouco, naquele inverno rigoroso. A família viajava em seu carro há quatro horas e para otimizar o tempo saíram na madrugada e finalmente chegaram ao hotel fazendo no interior do Sul do país. Dona Eulália, que estava dirigindo o carro, esticou sua coluna alongando-se. E foi ajudar sua filha Jordana a acordar os filhos no banco de trás.

Os meninos, Luís de oito anos, Rafael de onze anos e Caio de quinze anos estavam embolados uns nos outros como se o banco fosse um ninho de cobras e seus corpos não possuíam ossos. Ao serem acordados pela mãe e a avó, os três sorriram felizes por finalmente chegarem ao hotel.

Jordana e Dona Eulália fizeram o check-in na recepção e foram acompanhadas até o bangalô no meio da floresta onde dormiram pelas próximas cinco noites.

Era um local bem iluminado todo feito em madeira com quatro quartos, uma pequena sala e quatro banheiros (um em cada quarto).

A mãe e a avó teriam seus quartos, o irmão mais velho também dormiria sozinho, já os dois menores dividiram o quarto com duas camas de solteiro. Luís e Rafael tiveram, simultaneamente, o mesmo pensamento, iam poder ficar acordados até tarde jogando em seus celulares, comportamento proibido em casa, e, como dividiam o quarto com o irmão mais velho, eles tinham que seguir as regras.

Seria a primeira vez que dormiriam sozinhos. Eles adoraram a ideia. O irmão mais velho ficou triunfante por finalmente dormir a sós, mas vendo-os fazerem planos para aquela noite, teve uma pontada de ciúmes e saudade de estar com eles.



O dia no hotel passou rápido, enquanto a mãe e a avó descansavam apreciando a paisagem, os meninos fizeram canoagem, escalada na parede de desafios.

No fim do dia somente a mãe e a avó estavam cansadas da viagem. Os meninos, estavam, acelerados. Jordana insistiu para que os meninos entrassem no chalé, pois estava exausta e precisava de silêncio. A internet não funcionava nos quartos, frustrando a ideia dos meninos e a mãe mandou que os três escolhessem livros na biblioteca do hotel. Os meninos, indignados pela falta de internet, foram caminhando no escuro até chegar na sede do hotel. O percurso não durou nem cinco minutos, mas para eles foi divertido andar sozinhos no escuro.

Não tinha ninguém na biblioteca quando chegaram. Começaram a olhar as grandes prateleiras com inúmeros livros de tamanhos e cores diferentes. O mais velho foi olhar os livros mais novos. Luís e Rafael queriam ler mangás, gibis japoneses, mas aquela biblioteca não os tinha. Eles então entraram numa parte escondida do recinto.

– Hey! Luís – chamou Rafael – olha que capas estranhas, se passar a mão sente umas coisas em alto-relevo. É muito estranho cara.

– Rafael! – respondeu Luís. – Olha esse aqui. Tem vários desenhos, todos são imagens de fadas, mas elas têm dentes esquisitos.

– Luís melhor não pegar esse, os desenhos da capa parecem que estão se movendo.

– Olha, Caio, Rafael tá com medinho do livro – brincou Luís e deu gargalhada com Caio.

Rafael estava com uma cara muito brava, pronto para brigar, quando de repente surgiu um homem jovem, de blusa social preta, olhos verdes brilhantes e um sorriso assustador.

– Não levem esse livro. É o conselho que dou.

– Quem é você? – Perguntou Caio, se colocando na frente dos irmãos.

– Calma, garoto, eu trabalho aqui. E só estou dando um conselho a vocês. As fadas que moram aí não são boazinhas e não gostam muito de seres humanos – disse ele piscando de um olho só.

É claro que os garotos levaram aquele livro, junto de um livro futurista sobre andróides e lendas urbanas da região.

Caio seguiu pelo caminho lendo as lendas assustadoras do local e implicando com seu irmão do meio que odiava essas coisas.

– Essa lenda é boa. Diz que nessa floresta existia uma sociedade de espíritos da floresta. As conhecidas fadas – constatou ele. – Essas criaturas não eram boas ou más, eram como os homens. Faziam o que queriam e a única regra era nunca matar nenhum ser vivo de qualquer espécie. Um dia uma bela fadinha cor de laranja, olhos em todo globo ocular verde-escuro, cabelos compridos brancos e unhas gigantescas estava admirando seu reflexo no lago. Foi surpreendida por dois meninos, com idade aproximada de dez anos, ela mordeu o dedo de um deles porque odiava a raça humana. Só que ela não contava que o outro menino agarrasse seu pequeno corpo de sessenta centímetros e começasse a sessão tortura. Arrancaram suas unhas e suas asas. Tentaram ver se ela sabia nada e quase morreu afogada algumas vezes. Até que a mãe deles viu e levou-os dali. A pobre fada ficou jogada na lama, suja, sentindo dor e com muita raiva. Aquele ser, antes pequeno, agora alimentado pela raiva, tinha dois metros de altura e se escondia debaixo de um manto marrom. Perseguia crianças por aquelas florestas há séculos. E se alguém ousasse olhar para seu rosto era morto imediatamente.

Os três seguiram em silêncio até o chalé. A mãe estranhou tanto silêncio vindo deles. Sentaram no pequeno sofá e se entreolharam.

– Deveríamos procurar no livro assustador de fadas, que trouxemos – disse Rafael, se retorcendo de medo. Ver o que uma fada poderia fazer.

**Eles não deveriam ter aberto o glossário das fadas. Ali viram a verdadeira face daqueles seres que eram descritos como belos, mas que, naquele livro, mostravam um semblante aterrorizante. Olhos de uma cor só, muito grandes, nariz de coelho, a pele geralmente de uma cor distinta com uma textura diferente de tudo que haviam visto, cada um mais estranho que o outro, até pararem na descrição da fada da lenda urbana. Pele laranja, olhos verde-escuros, e o nariz, como o das outras, parecia de coelho. Porém, haviam dois desenhos para aquela ali. A versão dela com asas furta-cor e a versão sombria, onde os olhos se ficavam maiores e mais escuros, a pele desbotada se tornando quase bege. Era como se a criatura tivesse crescido e usasse manto feito por um tecido bruto marrom. Caio, que segurava o livro, o largou no chão. Rafael estava quase chorando no canto de sua cama, encolhido e segurando os joelhos juntos ao peito. Luís, que estava na fase de treinar a leitura... acabou lendo o nome da imagem: Sidhe.**

**– Não leia ISSO! – Gritou Caio.**

**– Desculpe, foi sem querer.**

**O mais novo começou a chorar nesse momento e o mais velho o abraçou, depois juntou as camas de solteiro fazendo uma grande cama e deitou entre os irmãos. Após alguma conversa para distraí-los, os dois menores pegaram no sono, grudados em Caio. Ele continuou olhando para o teto por um tempo, até pegar no sono também. Naquele mesmo momento algo os observava do lado de fora da janela. Parecia uma criatura curiosa e com raiva.**

**A mãe foi dar uma olhada e se assustou, pois não encontrou seu filho mais velho em seu quarto. Já estava se desesperando quando viu a cena mais fofa para uma mãe. Os três estavam abraçados e encolhidos. Jordana os cobriu com o grosso cobertor e saiu sorrindo satisfeita. Dentro do quarto, no alto da parede e invisível aos olhos da mulher que acabara de sair, estava a entidade que um dia já foi uma bela e orgulhosa fada, os observando de longe.**

**Gravava cada detalhe daqueles apetitosos humanos. Quem seria o primeiro? Ela pensava.**

**Luís se mexeu, tirando o cobertor que o sufocava. Ele olhou de relance para o escuro e teve a sensação de haver alguém ali o observando. Enfiou seu rosto no braço de Caio, se escondendo. A coisa escondida pela escuridão sorriu, ela adorava seus “coelhinhos” com medo. Tornavam a carne mais saborosa.**

**Ao acordarem no dia seguinte, se arrumaram para o café e não disseram nada sobre o assunto do dia anterior.**

**Naquela manhã em especial o ar estava congelante. Caio vestia moletom preto e calças jeans com coturno forrado de pelo de carneiro. Luís estava com seu grosso casaco do Capitão América e puxou o capuz para esconder o rosto, usava galochas verdes e uma calça de moletom cinza. Rafael usava seu moletom de capuz do Homem-Aranha preto. Era um vilão, na verdade, mas ele adorava e usava galochas pretas para combinar.**

**Rafael resolveu seguir um coelho pela estrada perto do restaurante do hotel. Entrou um pouco na mata e sentiu o lugar escurecer.**

**O coelho se enfiou em uma toca no chão e Rafael se abaixou para observar como a criatura podia caber naquele espaço tão estreito. Sentiu uma presença atrás de si, virou-se rápido, mas nada viu. Sorriu de tanta tensão e se virou de volta para olhar a toca novamente. Ao mover o pescoço para frente viu olhos verde-escuros lhe encarando bem de perto, se o corpo daquilo não fosse uma sombra teriam encostado os narizes. O menino caiu para trás e foi se arrastando pelo chão de terra e pedras, dilacerando suas pequenas mãos. Ele não conseguia gritar, tamanho foi choque. A “coisa” era rápida e vinha esvoaçando seu corpo etéreo em cima dele. Uma luz de repente foi lançada em cima da “coisa” e, com um grito ensurdecido, ela voou para a escuridão.**

Caio havia saído do seu quarto após trocar a roupa e, ao esperar nas sombras do chalé, também teve o desprazer de topar com “aquilo”, por sorte tendo lembrado que a luz assustava aquela entidade.

Seguiu seu irmão para ver se só ele estava sendo perseguido ou se realmente na noite anterior haviam acordado aquela fada sombria da sua alcova. Dito e feito, aquela desgraçada estava perseguindo seu irmãozinho e isso ele não ia tolerar.

– Levanta, Rafa! Vamos para onde tem sol.

Agarrando a manga do irmão, o arrastou para um lugar iluminado perto do restaurante.

– Você se machucou! – afirmava Caio.

Rafael olhou para as mãos todas cortadas e sangrando. E enfim deixou o choro sair.

Foram para o banheiro lavar as feridas e ali o menino chorou até não aguentar mais.

– Precisamos voltar naquela biblioteca, eu vou matar o cara que deu esse livro pra duas crianças, mano!

Enraivecido, foi puxando seu irmão pela manga, entrando no hotel para esmurrar um certo bibliotecário.

Ao entrar, Caio nem pensou duas vezes e empurrou com toda força o cara dos livros, que bateu forte na parede. Ao invés de brigar ou retrucar, ele apenas gargalhou. Algo peculiar apareceu. Seus dentes eram mais pontudos que o normal e fez os meninos darem um passo para trás.

– Não é de mim que devem ter medo. Eu sou um Sidhe bonzinho, crianças. Inclusive avisei pra não levarem aquele livro. Mas eu não posso impedir, ou as sidhe, que não são tão legais, vão me machucar, e podem ter certeza que existem várias por aí. Cada livro aqui abre a cela de uma delas. Infelizmente vocês não me ouviram, não é? Qual delas vocês despertaram?

– A que tem medo da luz – respondeu Rafael, choroso.

O sorriso do homem morreu ali, ele olhou preocupado com os meninos. Não era a intenção dele machucar ninguém, mas não podia impedir, ou sofreria as consequências.

– Ela vai levar a carne de um e a alma de todos. Sinto muito garotos, não dá para impedir agora. Joguem fogo no livro dela e impeçam que ela machuque mais alguém. Infelizmente eu não posso.

O homem não tinha mais sorrisos e falava com pesar, sentia pena deles, e raiva por estar preso tantos anos convivendo com humanos para desenvolver afeto por aqueles seres. No início ele também sentia raiva e ficava feliz quando alguma fada saciava a fome de pessoas. Mas nem todos mereciam aquilo.

Os meninos saíram de lá assustados e, ao mesmo tempo, disseram:

– Luís!

Correram para o restaurante, mas a mãe e a avó já haviam saído com o caçula para o passeio nos estábulos.

Eles correram o máximo que conseguiram, com cabelos grudados em suas testas, pelo suor produzido pela tensão, e o vento frio cortando a pele deles como pequenas adagas.

A cena que viram a seguir nunca mais seria esquecida. Seriam atormentados para sempre.

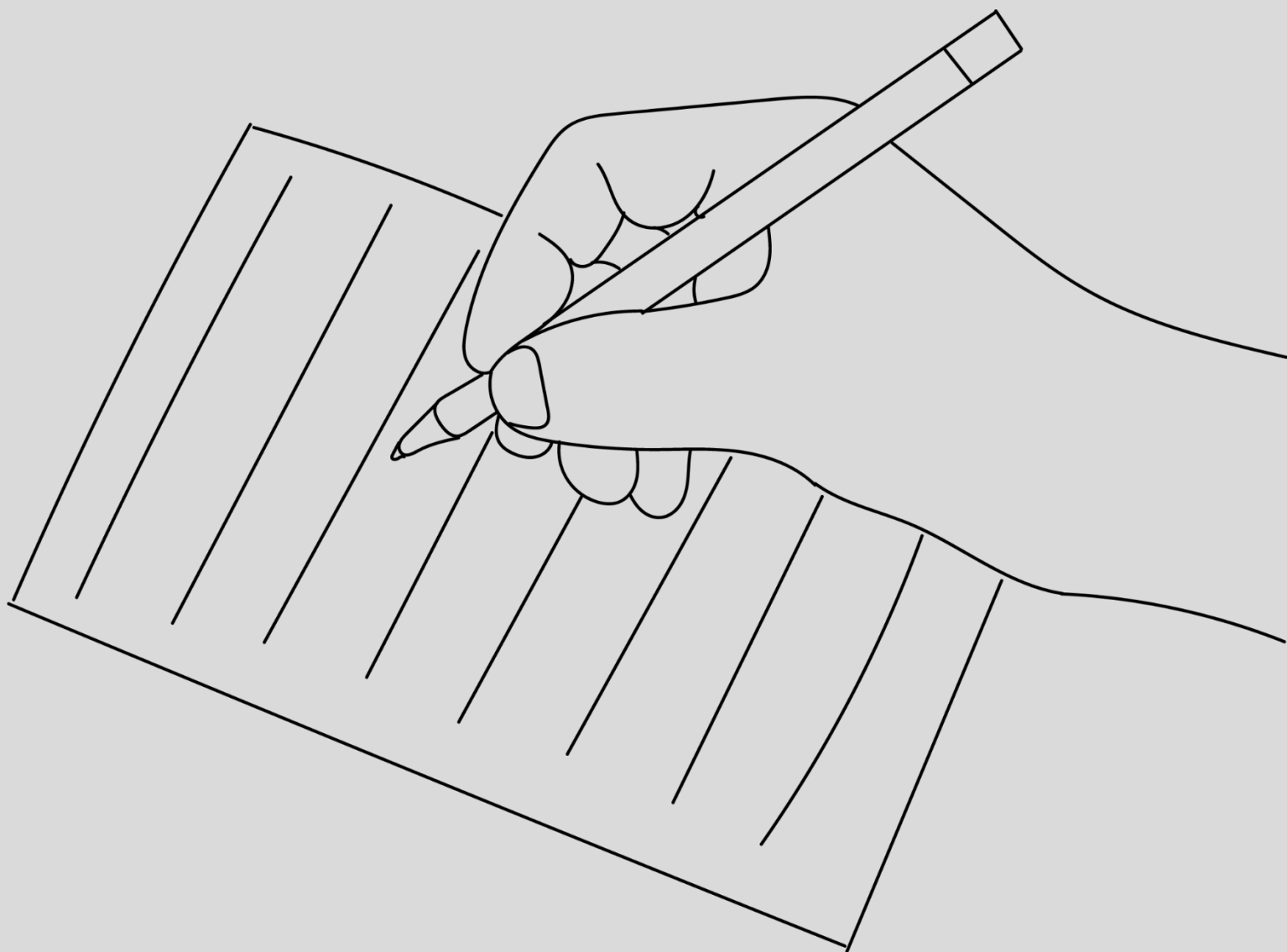
Luís se encontrava no chão do estábulo, literalmente em pedaços. Fora devorado. O corpinho do menino havia sido mutilado. Uma perna estava longe do corpo e ainda viam a “FADA” mastigando o irmão. Caio correu com a luz do celular ligada. Ele gritava e chorava, e a “coisa” riu e simplesmente desapareceu. A avó chorava, agarrada ao corpinho mutilado, enquanto a mãe jazia morta no chão, pois estava partida ao meio. Tinha sido morta sem

piedade apenas por tentar proteger o filho. A fada havia comido um e roubado a alma dos outros dois, para sempre.

---

*A autora leciona há 17 anos. Se aventurou pelo país deslumbrante das letras onde cada palavra leva a imaginação. Escreve profissionalmente desde 2023, começou conhecer os mistérios das antologias. Com mais de 33 antologias entre terror, ficção científica, e é apaixonada pelas temáticas de apocalipses, fim dos tempos etc. Já viveu mil vidas com imaginação e aponta de sua caneta.*

Instagram: [geo.diaas](https://www.instagram.com/geo.diaas)



# Assunto de família

Por João Neto

A autoria do crime era evidente. Chifre-Altivo havia estrangulado Berruga a sangue-frio.

Ou, pelo menos, essa foi a conclusão a que chegaram dois dos três Juízes-Chefes da Clareira da Fossa, uma pujante comunidade goblin localizada nas imediações da metrópole humana Dan'har.

Veja, tudo no mundo têm uma história. E para entender o que está em jogo nesse julgamento, é preciso saber como as coisas chegaram no ponto em que elas estão.

Décadas atrás, a Clareira da Fossa era uma floresta encantada, habitada por gnomos, fadas e serviços de entregas que nunca perdiam suas encomendas. Esse equilíbrio foi rompido com a expansão comercial de Dan'har, uma cidade famosa por suas companhias de mineração e pela excelente feijoada. O crescimento demográfico de Dan'har – aliado à eleição de um governo progressista – levou à criação de um sistema de saneamento básico que fizesse o tratamento dos dejetos. A crise fiscal e o impeachment que se seguiram resultaram na interrupção da obra justamente quando os dutos passavam pela floresta encantada. O atraso na licitação da nova estrutura transformou a floresta em uma fossa a céu aberto. Os antigos habitantes foram embora e, desiludidos, fundaram uma transportadora.

Enquanto isso, no sul selvagem, as coisas não estavam muito diferentes. O desenvolvimento econômico também chegou por lá e seus milagres já eram sentidos pelas raças humanoides da região. Os ogros tornaram-se especuladores imobiliários, e movimentavam milhões em projetos de revitalização das aldeias. Os orcs formavam a casta do funcionalismo público. Foram eles que planejaram a construção dos Parques de Digestão – o que tornou o sul um importante polo gastronômico para amantes de carne humana



– e aprovaram o início das obras da Estátua da Crueldade, para incentivar o turismo BDSM. Já os goblins... bem, os goblins eram o “combustível do progresso”: eram forçados a trabalhar nesses grandes empreendimentos, ao mesmo tempo em que o alto custo de vida os obrigava a viver cada vez mais longe de seus trabalhos.

Tanto foram empurrados para longe do centro, que três famílias de goblins encontraram-se tendo que dividir aquela fossa lá do início da história. A primeira família a chegar lá foi o Escritório do Caos, que se vangloriava de ter planilhas para tudo. Uma dessas planilhas, reza a lenda, conta com estratégias matematicamente infalíveis para vencer no Jogo da Velha. A segunda família a chegar à Clareira da Fossa foi o Bando Rastejante, que recebeu esse nome após Bucho-Quebrado – patriarca da família e gênio militar – perceber que, ao provocar uma briga, jogar-se no chão deixava o adversário confuso, abrindo sua guarda e possibilitando subjuga-lo. Logo em seguida, o Conclave Sangrento chegou. Esse Conclave era formado por um grupo de guerreiros destemidos, e recebeu esse nome pois eles se machucavam com muita facilidade nas batalhas.

Dá pra imaginar que o convívio desses grupos não era pacífico. Disputas por terra e recursos geravam guerras entre as milícias organizadas por cada uma das famílias. Essa situação persistiu por alguns anos, até que um armistício foi proposto, e as famílias se uniram numa só tribo.

Para gerir os conflitos, o líder de cada família tornou-se um Juiz-Chefe, que era uma autoridade política, militar e jurídica, encarregada de resolver os problemas que aparecessem.

E, ontem, rolou um *problemasso*.

Chifre-Altivo, um membro do Escritório do Caos, matou, a sangue frio, Berruga, um bardo influente, membro do Bando Rastejante.

A tribuna foi organizada às presas e o julgamento começou tenso. Centenas de goblins assistiam na ágora improvisada o parecer dos juízes.

Para que o réu fosse considerado culpado, era necessário o consenso entre os três Juízes-Chefes.

O primeiro voto foi dado por Leste-Oeste, o Juiz-Chefe do Escritório do Caos. Historicamente, Leste-Oeste (que tem esse nome pois cada um dos seus olhos aponta para um desses pontos cardeais) é sempre o primeiro a depositar seu voto. Sua argumentação é sempre a mais longa: ele lista, ponto a ponto, os elementos importantes colhidos. Depois, explica como lançou cada um desses elementos em sua planilha. Em seguida passa a mostrar, todo orgulhoso, cada uma das fórmulas que utilizou. Daí pra frente, poucos são os que conseguem acompanhar o que ele diz. Os presentes terminaram por pedir uma pausa para dormir, e a sessão foi interrompida por quatro horas.

Retomaram hoje cedo, e Leste-Oeste tomou a lembrar que *abusus non tollit usum*, que *bis de eadem re non sit actio* e que a fórmula VLOOKUP é superestimada, considerando que a combinação de INDEX e MATCH atinge o mesmo resultado, com a vantagem de ser menos engessada. Mas o fato é que, no final da longa exposição, a planilha saiu com um parecer inequívoco: “Chifre-Altivo é culpado”. Juridiquês sobre uma camada de technobabble é irrefutável. A plateia vibrou. Leste-Oeste arqueou as sobrancelhas, fez um meio sorriso, orgulhoso.

Depois foi a vez de Mão-Alheia, o chefe do Conclave Sangrento. Sua conclusão foi breve: Chifre-Altivo era culpado. O Juiz-Chefe não pode se explicar muito: enquanto subia as escadas da tribuna, tropeçou, caiu de cabeça na quina da escada. O impacto abriu um lasco na sua testa, sangrava muito. Tentaram interromper o julgamento, mas Mão-Alheia jurava que estava tudo bem. Acontece sempre. Com o veredito dado, disse que só precisava dormir um pouco, a pressão abaixou ou algo assim. Não deu pra entender, pois a língua enrolava enquanto ele apoiava a cabeça sobre seus antebraços. Acostumados com a situação, a plateia vibrou, celebrando o poder de concisão do Juiz-Chefe do Conclave Sangrento.

Restava agora o voto de Espinhela Caída, o Juiz-Chefe do Bando Rastejante. Extremamente técnico e minucioso, era de se esperar que seu parecer fosse semelhante ao de seus colegas. Espinhela Caída ajeitou a gravata e o cordão de presas de cobra. Limpou a garganta, como que para ser melhor compreendido. A plateia olhou para ele, apreensiva. Finalmente, emitiu o parecer: Chifre-Altivo é inocente.

A confusão foi geral.

Mulheres desmaiaram, crianças começaram a chorar, homens abraçaram uns aos outros, incrédulos.

Leste-Oeste bateu seu martelo, pediu ordem no tribunal.

– As evidências são inconclusivas. Onde está a arma do crime? Disse Espinhela Caída, em tom inquisitivo.

Pouco a pouco, as pessoas foram se acalmando. Cochicharam umas com as outras: era verdade, como não tinham pensado nisso antes? Não havia arma do crime...

Leste-Oeste franziu as sobrancelhas ao ouvir a conclusão de Leste-Oeste. Um de seus olhos fitou o colega. O outro, encarou o resultado em sua planilha. Firme, mas com coração acelerado, replicou:

– Claro que não há arma do crime. A causa da morte foi estrangulamento, oras.

– Então você admite que não há arma do crime, interessante... Retrucou Espinhela Caída, em tom vitorioso.

Agora, a população da Clareira da Fossa estava em polvorosa. Famílias se dividiam, cônjuges gritavam uns com os outros, amigos se ofendiam, cada um tomando um lado na querela.

Leste-Oeste tentava cruzar as informações que tinha, mas algo não fazia sentido. Qual motivo Espinhela Caída teria para tentar inocentar alguém obviamente culpado? Ainda mais alguém culpado de matar um bardo

**pertencente a sua própria tribo. O mistério o impedia de analisar com clareza a situação... e a cada segundo a opinião pública se convenciu mais de que Chifre-Altivo era inocente.**

**– Basta! Gritou Leste-Oeste. Tragam a primeira testemunha de acusação. Entre, Sr. Rodolpho.**

**Uma nova agitação tomou conta do público. Sr. Rodolpho era um membro respeitado da comunidade. Seu testemunho certamente teria um peso importante no desenrolar do caso.**

**– O Sr. Rodolpho foi visto nas imediações da casa do Chifre-Altivo, o local do crime, no momento do assassinato. Sendo uma testemunha de primeiro grau dos acontecimentos, teremos um dado confiável para acrescentar à planilha... digo, ao inquérito.**

**Enquanto Leste-Oeste explicava o motivo da presença do Sr. Rodolpho na tribuna, quatro guardas entraram, trazendo a testemunha solicitada em uma gaiolinha de madeira: aparentemente, o sr. Rodolpho era um esquilo.**

**– Sr. Rodolpho. – Continuou Leste-Oeste. O senhor é o druida mais formidável da nossa Fossa. Por favor, volte à forma goblinoide para que possamos seguir os ritos processuais. Guardas, tirem Sr. Rodolpho da gaiola.**

**Os guardas abriram a gaiola, o esquilo saiu.**

**– O Sr. foi visto no local do crime quando o assassinato ocorreu, poderia por favor nos dizer o que viu? – Interrogou o Juiz-Chefe do Escritório do Caos.**

**O esquilo começou a farejar a mesa. As pessoas, que a tudo assistiam muito animadas, começaram a jogar pedaços de pão ao esquilo. O esquilo pegou tantos pedaços quanto conseguiu e saiu correndo em direção à mata.**

**– Claramente esse esquilo é só um esquilo – zombou Espinhela Caída.**

**Leste-Oeste espumou de raiva. Havia algo de podre no ar.**

**Espinhela Caída dirigiu-se ao povo:**

– Esse tribunal quer enforçar um homem inocente, um trabalhador, um marido exemplar de sua fiel esposa, Toda-Pura. O Juiz-Chefe traz um animal silvestre para testemunhar, como se fossemos palhaços e isso aqui fosse um circo! Pois saibam, colegas Juízes, que eu também trouxe uma testemunha, mas uma que irá demonstrar o caráter do réu perante o púlpito.

Leste-Oeste arregalou os olhos, curioso sobre o próximo passo do adversário. Mão-Alheia, por sua vez, seguia desacordado enquanto o sangue escorria de sua testa.

– Entre, Trupe Legal – bradou Espinhela Caída.

Ao som de tambores, pratos e bumbos, a Trupe Legal entrou no púlpito. Era um grupo eclético, formado por goblins, orcs e ogros, todos vestidos com fantasias que remetiam a guerreiros, magos e soldados humanos. Fizeram uma bela apresentação circense. A audiência ficou sem fôlego durante a apresentação do lançador de facas, crianças se esconderam nos braços de seus pais quando a cuspidora de fogo apareceu, a tensão se transformou em alegria depois que o mago juntou o corpo da assistente após tê-la serrado em uma apresentação de mágica. A arquibancada vibrou e aplaudiu de pé quando a trupe se despediu. Chifre-Altivo se emocionou com a beleza do espetáculo.

– E, com isso, eu encerro aqui minha defesa, excelentíssimo Leste-Oeste. – disse Espinhela Caída.

– Mas isso não prova nada. O que diabos você está fazendo? Que perda de tempo é essa? – Respondeu Leste-Oeste, irado.

– Ora, ora. Temos aqui um Juiz que não aprecia a arte, isso está certo, meu povo? – Espinhela provocou a audiência.

Os goblins na arquibancada gritaram um uníssono “nããããõ”. Espinhela sorriu satisfeito com a reação do público. A maré tinha virado contra Leste-Oeste. Que começava a ficar sem opções.

– Chamo à tribuna a segunda testemunha de acusação. Entre, Senhora Toda-Pura.

O clima de tensão voltou ao recinto. Espinhela Caída ficou tenso, suave e frio. Leste-Oeste continuou:

– A Senhora Toda-Pura é a esposa do Chifre-altivo. Estava na casa no momento em que o assassinato aconteceu. Ouviu seu marido falando com a vítima. Tragam a testemunha.

A mulher entrou, acompanhada pelos guardas. Entrou sorrindo, cumprimentando os presentes. Quando seus olhos cruzaram os de Espinhela Caída, mandou um beijinho com os lábios e deu uma piscadela. O Juiz desviou o olhar, fingindo que não era com ele.

– Diga tudo o que sabe, não esconda nada deste tribunal.

– Bom, eu estava em casa sozinha...

Nesse momento, Toda-Pura olhou novamente para Espinhela caída e mordeu os lábios. As pessoas na arquibancada começaram a cochichar. Espinhela Caída abaixou a cabeça, fingia escrever algo numa folha de papel em sua mesa. Leste-Oeste fitava-os com olhares penetrantes.

– Bem, eu estava lá em casa, sozinha, depois de um certo alguém desmarcar uma visita... diplomática... quando ouvi um barulho vindo de fora. Reconheci a voz, era Chifre-Altivo, ele estava chegando do trabalho. Comecei a me arrumar para ir recebê-lo, mas ouvi ele conversando com alguém lá fora, sua voz estava alterada. Ouvi alguém cantando, depois ouvi sons de briga e me escondi. Ao sair, vi Chifre-Altivo em pé, ao lado do corpo de Berruga. Meu marido matou uma pessoa inocente. Quero que a justiça seja feita.

Toda-Pura olhou para Espinhela Caída novamente. Ela lambeu os lábios, deu uma piscadela. Espinhela, que se afundava em sua cadeira, começou a se abanar, afrouxou a gravata.

Todos aplaudiram o testemunho dela. Parecia que o assassinato tinha sido elucidado. Leste-Oeste atualizava sua planilha, triunfante. Espinhela Caída tentava se recompor. Um único mantra se repetia em sua mente: Chifre-Altivo não podia ser condenado à forca.

– Mas onde estava o esquilo? – Perguntou o Espinhela, em tom de desespero.

Toda-Pura parecia confusa. Que esquilo? Espinhela ficou satisfeito com o olhar desorientado da mulher. Olhou para Leste-Oeste, apontando o dedo para a testemunha e gritando “tá vendo, tá vendo, nada nessa história faz sentido!”

Leste-Oeste respondeu seu olhar e, sereno, admitiu que foi um erro ter tomado o esquilo como testemunha, mas reforçou que o depoimento da esposa era sólido.

Num último e desesperado ato, o líder do Bando Rastejante levantou-se de seu assento, foi ao centro da ágora e discursou emocionado. Disse que, durante a madrugada, foi visitado pelo espírito de Berruga, que confidenciou-lhe ter morrido engasgado com amendoim. As marcas de mãos pressionando seu pescoço, se as houvesse, teriam sido causadas na tentativa desesperada de Chifre-Altivo de tirar o grão que obstruía suas vias aéreas. O fantasma de Berruga teria mandado um abraço a todos os presentes, e recomendado a todos que mantivessem uma garrafinha de água na algibeira sempre que tivessem amendoins por tira-gosto.

O discurso não convenceu ninguém, as vaías seguiram Espinhela Caída de volta até o seu assento.

Leste-Oeste, confiante de que ganhara a causa, tinha uma última carta-na-manga. Sua testemunha final teria ouvido as últimas palavras de Berruga, e estaria disposta a repeti-las no tribunal.

– Entre, papagaio Mondrongo.

O grande pássaro veio, carregado por um dos seguranças do recinto.

– Cala a boca, papagaio burro! – Gritava repetidamente o papagaio enquanto as pessoas celebravam sua chegada.

– Papagaio Mondrongo. – Começou o Juiz-Chefe do Escritório do Caos. Você estava na cena do crime quando Berruga foi assassinado. Quais foram as últimas palavras da vítima?

O papagaio ajeitou-se, bateu de leve as asas, ergueu o bico e cantou:

“Chifre-Altivo tu é corno,  
Espinhela corteja sua mulher.  
E ela prefere ver-te morto,  
Que beijar-te outra vez sequer.”

A arquibancada veio abaixo. Gritos, risos, troças. Espinhela escondeu seu rosto com as mãos. Seu segredo – seu caso extraconjugal – estava ali, exposto, revelado pela língua afiada de um papagaio. Sem mais o que fazer, passou a chorar copiosamente.

Alheio ao alvoroço que se formava na tribuna, Leste-Oeste digeriu a nova informação. Revia os dados de sua planilha.

Sua mente agora ligava os pontos: o bardo Berruga havia feito uma composição atacando a honra de Chifre-Altivo. Furioso, Chifre matara-o. Toda-Pura, membra do Escritório do Caos, agora queria que seu marido fosse punido, para que ela pudesse viver seu amor proibido com Espinhela Caída, membro do Bando Rastejante. Espinhela também a amava, e sabia que, desimpedidos, não resistiria: tomaria ela como esposa mais cedo ou mais tarde. Só que essa comunhão traria consequências imprevisíveis ao equilíbrio da Clareira, então ele fez de tudo para impedir que o homem fosse condenado



à força. Mantendo o corno na jogada, Espinhela e Toda-Pura seguiriam sendo amantes garantindo, assim, a paz na Clareira.

Esse foi o motivo que levou Espinhela Caída a se comportar de maneira tão errática, tão alheia ao seu estilo. O equilíbrio entre aqueles três clãs era tênue. Uniões estáveis entre pessoas das diferentes famílias poderiam representar o fim daquele modo de vida. Se não houvesse três famílias, não haveria três Juízes-Chefes. Sem os Três-Juízes, todo o funcionalismo público que se montou para lidar com as burocracias dessa organização ineficiente e volátil desmoronaria. Os goblins da Clareira da Fossa terminariam desorganizados. Sem as pequenas disputas entre clãs, amoleceriam. Sem um poder autoritário os regendo e regras arbitrárias canalizando sua raiva, entediariam-se e voltariam a ser escravos no sul. Aquela organização social sustentava-se sobre as bases das relações extraconjugais entre famílias. Esse era seu principal valor. A família tradicional da Clareira demandava contatos no sigilo, caso contrário toda a estrutura desmoronaria, de cima para baixo.

Tudo agora estava claro a Leste-Oeste, que fechou sua planilha. O Juiz-Chefe ignorou o chamado sedutor das fórmulas do Excel, a racionalidade dos algoritmos, a crueza dos fatos.

Precisaria declarar a inocência de um homem culpado, se quisesse manter o modo de vida de sua comunidade. Precisaria declarar a senilidade de um papagaio plenamente são, se quisesse manter ilibada a honra do trisal e seu poder sobre os clãs.

Leste-Oeste deu seu veredito: O defunto engasgou. O papagaio era louco. Chifre-Altivo era inocente. E ninguém mais fale desse assunto.

Todos celebraram a incrível reviravolta do caso. Leste-Oeste e Toda-Pura trocaram telefones.

Lá fora, a Trupe Legal fazia uma impressionante apresentação para o público. Com domadores de leões, trapezistas e palhaços. Sentado sobre as

raízes de uma árvore, um goblin vestindo um casaco de pele de esquilos comia a última migalha de pão que guardara, feliz de ver que sua comunidade seguia unida e pujante.

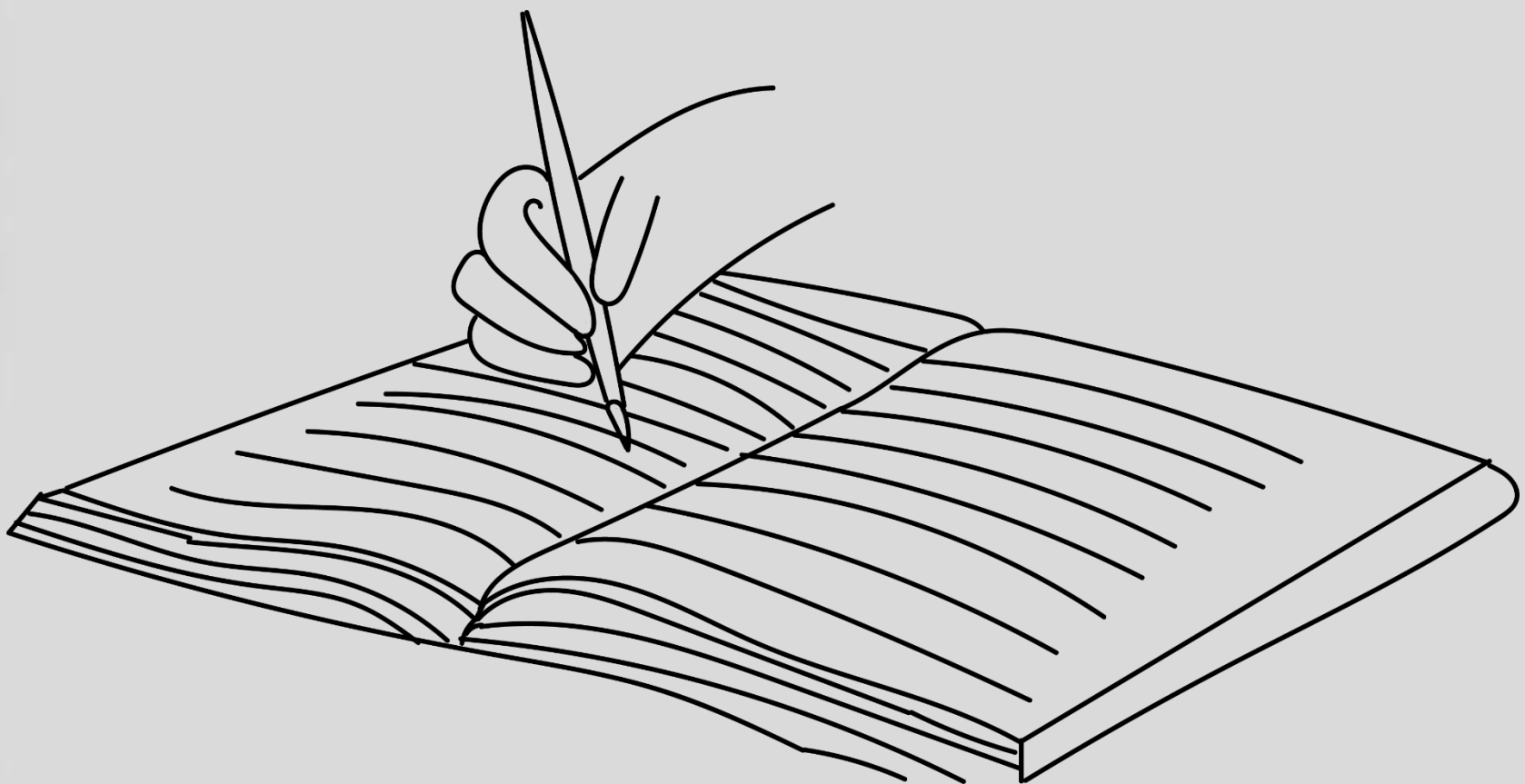
Mão-Alheia acordou no dia seguinte e passa bem.

---

*João Neto é professor da Rede Estadual do Espírito Santo. Descobriu a literatura através da coleção Vagalume e apaixonou-se por ela quando entrou em contato com os universos fantásticos de Artemis Fowl, Harry Potter e O Senhor dos Anéis. Na universidade, mergulhou na literatura brasileira e no estudo da produção crítica. Produziu crítica cultural entre 2010 e 2017 e histórias de fantasia durante a pandemia. Largou tudo pra pintar bonequinhos.*

Instagram: [netojpv](#)

Inkspired: [joao-neto](#)



# **A Batalha das Sombras**

**Por Thalita Palaretti**

Quando o imenso balão movido a vapor rompeu os céus de Naleum, as criaturas aladas correram em busca de refúgio, abrigando-se nas copas das árvores, longe de seu bosque.

– Os homens aprenderam a voar? O que faremos? – Dalenia, a mais nova daquele clã, questionou.

Mas a rainha Flaye não conseguiu respondê-la. A dama de cabelos prateados voou até uma copa mais alta, encarando aquelas maravilhas metálicas.

Haviam se afastado dos homens há tanto tempo, que se esquecera de como eram engenhosos.

Mais um balão a vapor passou por eles e, depois, mais daqueles foram surgindo.

– Parece que estão fugindo – Elonon pousou graciosamente na copa da árvore onde sua rainha estava. – Vou investigar.

Flaye aquiesceu, agitando suas longas asas.

Voltou sozinho algumas horas depois, com a ponta de uma de suas asas queimadas.

– O que houve? – a rainha voou até ele, enquanto duas damas o amparavam.

Ele cheirava a fumaça, cinzas e dor.

– O bosque parecia seguro, mas vimos algo na cidade dos homens e voamos até lá. Eles construíram uma espécie de máquina, com uma gigantesca bola luminosa cheia de engrenagens circulando ao redor dela, e de lá várias criaturas sombrias estavam emergindo. Quase não escapamos com vida, quando uma daquelas criaturas veio até nós e nos caçou. Darime está no bosque, muito ferido...

Elonon desmaiou. Flaye ordenou a um de seus guardas ir ao auxílio de Darime, temendo ser tarde demais. As damas carregaram Elonon até o chão, amparando-o numa maca improvisada, trançada em cipó verde. Uma segunda maca aguardava Darime, que fora trazido muito queimado e ferido.

A rainha precisaria agir.

– Miska, venha até aqui – a rainha chamou, voando suavemente até uma árvore afastada com sua filha. – Nosso futuro está nas mãos dos homens, eu preciso entender o que eles liberaram para poder ajudar a conter.

– O que quer dizer com isso, mãe? – Miska já treinava para governar havia algumas décadas, mesmo assim temeu que sua mãe antecipasse sua ascensão ao Trono de Flores.

– Eu quero que você pegue nosso povo e corra para as montanhas de Ob’heran. O reino dele é grandioso e bem protegido, e ele não negará exílio aos seus. A noite comunicarei nosso povo, deixando clara sua posição como nova rainha dos bosques de Naleum e orientando-os seguir até o reino aliado. Ninguém irá se opor.

Miska confirmou com a cabeça esboçando um sorriso, mas com lágrimas nos olhos. Temia por sua mãe, seu reino e por si mesma.

Flaye foi até Elonon, já desperto e parecendo melhor, porém Darime ainda estava desacordado.

– Ele vai melhorar, só precisa de um tempo – Elonon falou, antecedendo a pergunta de sua rainha. Estava com a ponta da asa muito machucada, mas seu processo de cura era rápido.

Flaye o encarou com tristeza, havia sido um erro permitir que eles fossem investigar. Devia ter enviado todos para Ob’heran logo após as máquinas voadoras romperem o ar.

– Elonon, eu vou até o reino dos homens, Miska ficará a frente de nosso povo e os conduzirá até o reino irmão. Você precisa estar ao lado dela para ajudá-la e protegê-la.

– Mas, minha rainha... – ele começou. Flaye depositou sua asa sobre a dele, em um sinal de carinho.

– Não há espaço para uma discussão, Elonon, eu preciso saber o que assola aquelas terras para ajudá-los a deter aquele mal, mas só conseguirei fazê-lo se meu coração estiver em paz.

Elonon aninhou o rosto no colo de sua rainha.

– Deixe-me ir em seu lugar... – ele sussurrou, em uma súplica contida.

– Você precisa proteger Miska. Você e Darime são os mais fortes de nosso clã e eu sinto que a ameaça ao reino dos homens está se espalhando rapidamente. Precisarei de sua estratégia de batalha, caso encontrem o inimigo a frente.

– Mas e você, quem a protegerá? – Elonon a olhou seriamente nos olhos.

– Vou para onde as máquinas voaram, confio que os homens sabem onde continua seguro. Lá encontrarei o padre Vencio ou seu sucessor, então não há o que temer.

Elonon sabia que era inútil ir contra as ordens de sua amada, mas temia por Flaye e não lhe agradava nada deixá-la sozinha, apesar de a conhecer e saber de sua força.

A noite chegou e Flaye anunciou sua filha Miska como a nova rainha do povo do bosque Naleum, informando partiriam partida ao amanhecer para o reino de Ob'heran. Só não lhes disse que ela não estaria junto deles.

– Será melhor assim, Miska, não posso levar ninguém comigo. Os homens são perigosos, nossa gente atrai atenção demais deles.

Ao amanhecer, a nova rainha despediu-se de sua mãe, vendo-a voar para longe.

Flaye não quis despedir-se de seu amante, pois Elonon acabaria a convencendo de ficar e ela não podia fraquejar, não depois de ver o estado em que ele e Darime voltaram.

**Voou o mais rápido possível, sem olhar para trás. Quanto mais rápido fosse, mais rápido voltaria para seu povo.**

**Vencio era um amigo e, além de padre, um grande entusiasta e defensor das criaturas aladas. Com a ajuda dele, Flaye conseguiria entender o que os homens haviam construído.**

**Precisava lidar com a possibilidade deles terem libertado um mau sem precedentes e, nesse caso, nem o reino de Ob'heran estaria seguro.**

**Já estava à beira de seus limites quando avistou uma cidade no horizonte. Provavelmente era ali que os balões mecânicos haviam parado.**

**Pousou e prendeu suas asas em torniquete de couro e por cima, um corpete. Amarrou seu longo cabelo prateado e ajeitou suas vestes. De longe, ela não chamaria atenção.**

**Continuou a caminhada, desacostumada a utilizar os pés por tanto tempo. Sentia-se pesada, se locomovendo daquela forma. Ignorou o desconforto e seguiu em frente.**

**Procurar Vencio seria um desafio, pois não sabia ao certo onde o padre morava. Na verdade, não sabia se ele ainda estaria vivo. O tempo dos homens era muito diferente do tempo dos alados, mesmo com eles vivendo sob o mesmo Sol e mesma Lua.**

**Chegou, exausta, e espantou-se com o quanto os homens haviam se modernizado: veículos movidos a vapor, geringonças como uma cartola com pequenos braços mecânicos no topo, uma bengala com rodas. Flaye ficou encantada. Porém, mesmo com todos aqueles aparatos, os homens pareciam assustados com o que haviam libertado.**

**Andou até a praça central, onde havia uma enorme catedral.**

**— Eu preciso encontrar o padre Vencio — Flaye falou ao ver um homem de batina, dispensando as formalidades. O velho a encarou com seriedade.**

**— Quem o procura?**

**— Flaye, do bosque Naleum.**

– Esperava mesmo que você viesse. Vencio, antes de falecer, contou muito sobre seu povo. Sou Sattorini, seu sucessor.

Flaye abaixou a cabeça, em sinal de condolência.

– Foi há muito tempo. Veio por causa do que os engenheiros libertaram, certo? – aquele homem falava sem rodeios. Flaye confirmou.

– Há criaturas de sombras rondando nosso reino, preciso saber o que aconteceu e como enfrentá-los.

– Eu não sei o que aconteceu naquelas terras, ouvi boatos de que alguns homens da ciência buscavam uma fórmula para energia infinita, mas algo deu errado. Ao invés disso, criaram um portal, por onde as trevas saem. Estou buscando em meus livros uma forma de detê-los, mas tudo converge em um único resultado: luz.

– Certo, e onde eu consigo essa luz?

– Os homens estão trabalhando nisso, mas eles precisam de tempo, e não temos muito. Se houvesse uma forma de atrasar as sombras, talvez os engenheiros daqui conseguissem a luz que precisamos.

Flaye pensou a respeito. Talvez ela conseguisse atrasá-los o suficiente.

– Vou ver o que posso fazer – dizendo isso, Flaye afrouxou o corpete servindo de mortalha para suas asas e se alongou, livre e aliviada.

– Antes de ir, leve isso com você – Sattorini ergueu uma enorme bolsa.  
– São alguns aparatos para ajudar em sua luta.

Alçou voo, não se preocupando com quem a visse. Precisava ser rápida.

Rapidamente alcançou as árvores em que haviam se abrigado no dia anterior, e suspirou aliviada ao vê-las vazias.

Continuou e encontrou seu doce bosque de Naleum tomado por sombras.

Tirou de sua bota uma espada de um metal reluzente e preparou-se para descer.

Não tinha tanta perícia em luta quanto Elonon, mas aprendera truques com os homens. Aquele pó mágico negro, chamado de pólvora, era o melhor deles. E Sattorini havia recheado aquela bolsa com muitos saquinhos daquilo.

Conjurou o poder das salamandras sagradas e sua espada incandesceu. Tocou o pavio do primeiro saquinho, o acendendo sem qualquer esforço, e jogou abaixo de si... A rajada de ar lançada pela explosão a desestabilizou levemente, e ela observou a sombra atingida se dissipar.

– Vai dar certo – respirou fundo, acendendo o restante, sobrevoando e jogando. As explosões eram violentas e detritos chegavam a acertá-la, mas Flaye se manteve firme, até a pólvora acabar.

Havia eliminado quase todas as sombras, mas muito mais estavam vindo.

Enquanto o portal não fosse fechado, aquela batalha não acabaria.

Desceu, empunhando a espada, e lançou-se no bosque. Eram monstros disformes, com chifres e cuspidores de fogo. Flaye pressentia sua morte, mas continuaria tanto quanto pudesse.

Escutou o som de trombetas e encarou o descampado que precedia o bosque: os alados da guarda de Ob'heran haviam chegado e a sua frente, Elonon empunhava seu conjunto de espadas.

Flaye mal teve tempo para alegrar-se, sendo arrastada por entre as sombras e quase pisoteada. O metal encantado dos alados reluzia e triscava, conforme o fogo inimigo o sobrepujava.

– Temi não chegar a tempo – Elonon falou, assim que conseguiu se aproximar de Flaye.

– E eu temi não encontrá-lo nunca mais – ela esboçou um sorriso entre uma estocada e uma esquivada.

Os alados estavam caindo rápido demais, não parecia haver uma forma de vencer aquela horda.

Uma luz intensa e azulada passou formando um arco: os homens finalmente haviam conseguido.



Pareceu durar uma eternidade, até ouvirem um estrondo gigantesco seguido de uma luz ainda mais intensa, que deixou todos temporariamente cegos.

As sombras foram se dissipando, simultaneamente à chegada de vários humanos fardados e montados a cavalo. Entraram em choque ao verem os alados.

– Quem entre vocês é o capitão? – um dos homens desceu de seu cavalo.

– Eu – Elonon tomou a frente, imponente e com a espada em mãos.

– Obrigado – o homem falou, estendendo a mão.

Elonon estendeu de volta.

Os homens seguiram em frente, rumo a cidade em que tudo acontecera.

Alados feridos ajudavam-se, enquanto os mais fortes reuniam os corpos dos falecidos.

Uma enorme pira foi erguida ao final daquele dia, e os corpos caídos em batalha foram entregues às salamandras.

Elonon postou-se ao lado de Flaye, que encarava com tristeza seus irmãos mortos serem devorados.

– Eles não parecem ruins – Elonon disse enquanto a abraçava. – Quer dizer, os homens não parecem tão perigosos.

– Não quando há outro inimigo exigindo mais de sua atenção volta – Flaye parecia tão inquieta quanto antes. – Sugiro que Ob’heran intensifique sua guarda e que Miska não traga nosso povo de volta – Por quê? – Elonon questionou-a.

– Porque em breve, eu creio, seremos nós na ponta oposta das espadas deles.

O final da tarde foi cedendo lugar à noite, e a procissão de volta para as terras de Ob’heran foi silenciosa.

A sensação era de que toda aquela luta estava apenas começando.

---

*Thalita Palaretti é natural de Ribeirão Preto-SP e ocasionalmente escreve histórias de terror, fantasia e ficção científica. Atualmente, tem 25 contos publicados junto a 12 editoras, conquistou o primeiro lugar no concurso "Na Trilha do Medo Vol.2" da editora Carnage e primeiro lugar na premiação da antologia "Sim Senhor, Capitão!" pela editora Triumphus. Também tem uma coletânea de contos assustadores publicados na primeira edição de Horror da revista Fissura.*

Instagram: [thalitapalaretti.escritora](https://www.instagram.com/thalitapalaretti.escritora)



# O último voo do dragão celestial

Por William R. F. Ramires

“Do outro lado do mundo, num lugar chamado China, o Grande Imperador declarou caça aos dragões celestiais: os tialongs. Durante milênios as duas espécies – os tialongs e os humanos – viveram em harmonia e respeito.

As criaturas celestiais eram adoradas, humanos vinham de toda parte para oferecerem tributos esperando por marés calmas e boas colheitas. Mas, entre os deuses tialongs estava o grande Ao Kuang, o mais exigente de todos os seus irmãos divinos. Este exigia sacrifícios humanos em troca das boas marés, controle dos rios e para a chuva em abundância que trazia boas colheitas. O imperador Xian Xi, no entanto, não queria mais fazer aquele tipo de oferenda, então determinou o extermínio dos dragões celestiais.

Uma verdadeira batalha aconteceu. Os dragões celestiais do império desapareceram em sua maioria e os poucos tialongs restante foram caçados até os confins e brutalmente assassinados.

Aquele povo acreditou ter matado todos. Contudo, três ovos passaram despercebidos, escondidos entre as rochas. Mas a vingança da natureza chegou com força, com o fim dos dragões o equilíbrio foi rompido e chuvas torrenciais devastaram as plantações, terremotos abalaram as terras e tsunamis varreram tudo o que encontraram pelo caminho.

Quando acharam que todas as desgraças tinham acabado, o grande vulcão cuspiu pedras flamejantes para todos os lados.

Uma destas bolas de fogo caiu sobre os ovos. O calor e a pressão, unidos, magicamente criaram o cenário perfeito para o nascimento dos três dragões celestiais, os últimos tialongs. Porém, nem toda a devastação causada pelo desequilíbrio amenizou a tirania dos homens, e uma nova caçada começou.

Dois destes dragões celestiais eram encarnações dos mais sanguinários tialongs que existiram. Uma multidão de homens se reuniu para caçar um

deles, mas tiveram suas vilas e cidades completamente destruídas com o mero sopro do dragão. O outro tialong era a reencarnação do próprio Ao Kuang e sua sede por sangue humano estava muito maior. O deus dragão, sozinho, desolou metade de toda a China, com exceção da Grande Muralha.

O terceiro tialong reencarnado era uma fêmea que, apesar de sua natureza pacífica, sofreu a mesma perseguição sangrenta de seus irmãos.

A tialong fêmea decidiu partir numa jornada sem volta e reservou toda sua energia para a saga. Meditou por semanas nas cordilheiras mais altas daquele lugar e então partiu para a jornada que mudaria o mundo. Com o embalo que as cordilheiras lhe proporcionaram, se projetou a toda velocidade rumo ao infinito, seguindo o nascer do sol, passando por cima da península da Coreia e das ilhas do Japão.

Ao Kuang seguia devastando tudo, sua fúria era implacável, destruía tudo o que encontrava pela frente e nem os novos sacrifícios de centenas de humanos o apaziguaram. Os eventos naturais, comandados pelo deus dragão celestial, continuaram destruindo e desolando enormes áreas.

Alguns homens deixaram uma brecha na Grande Muralha e o deus tialong aproveitou a oportunidade para se infiltrar. No entanto, era uma armadilha e, mesmo matando mais de duzentos homens, o grande deus dragão celestial foi morto e demoraria milênios até o equilíbrio natural das coisas voltar ao normal.

A dragão celestial seguia em direção do sol nascente, voava há dias sobre a imensidão de água, um infinito intransponível, e sentia suas forças chegando ao limite. Foi quando avistou nosso continente e, num derradeiro esforço, pousou num estreito pedaço de terra.

Ainda desacordada, ela foi encontrada por nossos irmãos do continente, os maias. Eles cuidaram da dragão celestial, trataram seus ferimentos e a nomearam como Kukulcán a serpente sagrada. Lá ficou e acabou sendo consagrada como uma deusa. Templos foram feitos em sua homenagem, sendo venerada por séculos.

Quando saiu da China, esse dragão celestial fêmea carregava consigo dois ovos em suas entranhas. Nesta época, enquanto era Kukulcán, fecundou e chocou o primeiro. Aquele dragão, voando com seu filhote de tialong, era uma imagem encantadora.

Foi o apogeu da civilização maia, mas o pequeno dragão tinha que seguir seu caminho e partiu pelo continente para o norte, encontrando outra civilização irmã; os astecas, que o chamaram de Quetzalcoatl a serpente emplumada. A tialong não conseguiu se recuperar da separação de seu filhote e decidiu seguir para o sul. Após Kukulcán partir, a civilização maia começou a ruir e foi extinta pela grande seca.

A tialong chegou numa grande floresta, voando em rasantes sobre a terra, serpenteando e abrindo leitos por entre o solo, onde grandes rios começaram a correr. Entretanto, a dragão celestial queria um lugar mais isolado, para refletir sobre sua existência, então continuou seguindo para o nascente.

Chegou numa região de secas planícies e novamente serpenteou pelo solo, formando o rio Paraguassú, até chegar nos paredões da chapada. Aqui, na Chapada Diamantina, num novo rasante, abriu seu último leito de água: rio Andaraí, o rio dos morcegos, onde estamos agora.”

O velho ancião se levantou da roda de conversa composta somente de crianças e se encaminhou para um paredão rochoso, onde, com uma tinta vermelha, fez um traço sinuoso sobre um bando de capivaras estilizadas. As crianças ficaram impacientes, e gritaram em coro:

– Vovô, vovô, continua! E o dragão celestial, onde está?

O velho ancião voltou a sentar na roda e continuou a história:

“Quando a tialong chegou aqui, somente a nossa tribo morava nesta área, e quando viram aquilo voando, logo a nomearam: a grande serpente que voa. A dragão celestial se encaminhou para o vale do Pati e por lá se estabeleceu, chocando seu último ovo com plena tranquilidade.

Nesta região pôde, enfim, dispor de paz. Nosso povo, os cariris, tem um culto mais espiritual do que físico. Assim, a simbiose entre nosso povo e o dragão celestial foi de harmonia e integração, uma abundância da natureza e do espírito dominou nossa região, dando uma grande prosperidade para os cariris, o período grandioso de nosso povo.

Quando seu filhote nasceu, a grande serpente ficou perplexa ao ver que sua cria era o grande Ao Kuang reencarnado, novamente a manifestação do mal voltando à terra.

O deus dragão celestial foi crescendo e sua fome crescia junto, sua mãe não conseguia controlá-lo. Ao Kuang começou a matar alguns dos cariris, porém, era muito pouco para saciar sua fome, então partiu de volta a sua terra natal, a China, em busca de vingança e querendo a posse do que lhe pertencia. Quando os antigos cariris olharam para cima, viram pela última vez Ao Kuang serpenteando pelo céu, como um raio em direção ao poente.

A grande serpente que voa entrou numa tristeza profunda e foi definhando, diminuindo até ficar do tamanho de uma grande cascavel e sumir no meio dos cascalhos que rodeiam a chapada. Nunca mais foram vistos dragões celestiais em nosso continente, e de lá do outro lado do mundo só chegaram boatos sobre a volta do deus dragão celestial, o grande demônio que quase exterminou todo o povo chinês.”

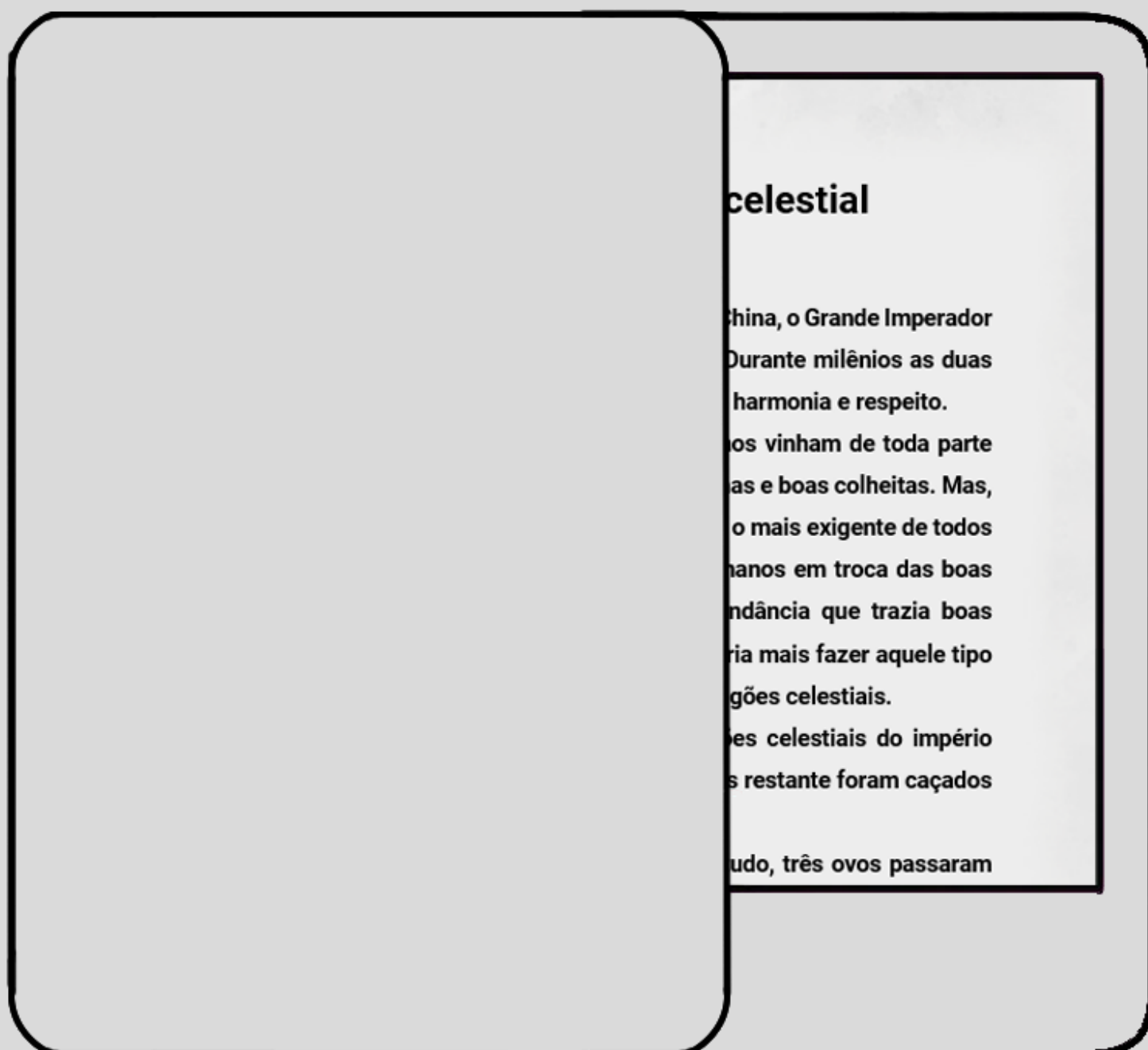
— Conta mais vovô, conta mais! — as crianças gritavam em coro.

O velho ancião se levantou, começou a balançar sua cabeça e se alongar, esticando seu corpo, as crianças olhavam entristecidas. O velho se envergava no solo e alongava, ficando com o formato de uma cobra-cascavel, mas suas pernas e braços somente encolheram, ficando aquela cobra com quatro patas, sua cabeça parecia com a cabeça de uma raposa com barba.

Levantou voo. Assim, o dragão celestial pôde fazer seu último voo na imaginação dos remanescentes daquela pequena nação. A grande serpente que voa serpenteava e planava sobre Andaraí, o rio dos morcegos.

*William Roberto Fraga Ramires, residente em Andaraí (BA), Chapada Diamantina. Começou a escrever em 2023, participou com seus contos e crônicas em mais de 150 antologias. Teve um conto finalista da Feira Literária de Santa Teresa (FLIST 2024), conquistou o 3º Lugar na Feira Literária de Pirassununga (FLIPA 2024) e 2º Lugar na Antologia Desejos Profundos (Editora Persona 2024). Semifinalista em 7º lugar no Desafio de Crônicas da revista Artes do Multiverso nº13/2024. Buscando provocar e estimular a leitura, escrevendo para um mundo melhor. Colorindo e perfumando as palavras.*

Instagram: [william.rf.ramires](https://www.instagram.com/william.rf.ramires)





**Enfim, chegamos ao desfecho desta edição. Agradecemos a todos os autores que contribuíram com seus talentos para tornar esta edição possível. Seus contos são um testemunho da diversidade e da riqueza da experiência humana, e estamos honrados por compartilhá-los com o mundo. Agradecemos também aos nossos leitores, cujo apoio nos inspira a continuar buscando e compartilhando histórias que divertem e alimentam a mente.**

**Se encontrou valor nas páginas que compartilhamos, considere dividir essa experiência com sua família, amigos e colegas, ajudando a expandir o alcance da revista e a incentivar o trabalho de nossos autores. Além disso, não deixe de nos acompanhar no Instagram, onde divulgaremos novidades e atualizações sobre o projeto.**

**Até a próxima leitura!**

